

Para Margareth, Lady Brooke – Rani de Sarawak

Era a noite que precedia a coroação, e o jovem Rei estava sentado sozinho em seu belo aposento. Todos os cortesãos haviam se despedido, curvando a cabeça até tocar o chão, de acordo com o cerimonial usado, e se retirado para o grande salão do palácio, para receberem as últimas lições do Professor de Etiqueta, pois havia alguns dentre eles que ainda se portavam muito naturalmente, o que, para um cortesão, devo enfatizar, é uma ofensa muito grave.

O rapaz, pois ele era apenas um rapaz de dezesseis anos de idade, não lamentou a saída deles, e lançou-se, com um longo suspiro de alívio, sobre as almofadas macias de sua cama bordada, permanecendo deitado, com olhar atônito e a boca entreaberta, parecendo um Fauno bronzeado do bosque ou algum animal da floresta recém apanhado pelos caçadores numa armadilha.

E, de fato, foram os caçadores que o encontraram quase que por acaso, descalço e com uma flauta nas mãos, seguindo o rebanho do pobre cabreiro que o criou e de quem sempre acreditara ser filho. Nascido da filha única do velho Rei, fruto da união secreta entre ela e alguém de classe muito inferior - um estrangeiro, diziam, que, graças à magnífica magia do som de seu alaúde, fez com que a jovem Princesa se apaixonasse; outros falavam a respeito de um artista de Rimini, a quem a Princesa tinha demonstrado muita, talvez até excessiva, afeição e que desaparecera de repente da cidade, deixando incompleto seu trabalho na Catedral - ele tinha sido, com apenas uma semana de vida, roubado de sua mãe enquanto ela dormia e entregue aos cuidados de um simples camponês e sua esposa, que não tinham filhos e viviam em uma parte afastada na floresta, a mais de um dia de distância da cidade.

A dor, ou a peste, segundo o médico da Corte atestou, ou, como foi sugerido, um veneno italiano rapidamente administrado na taça de vinho com especiarias, matou, apenas uma hora depois de ter despertado, a jovem de pele clara que lhe dera à luz; e ao mesmo tempo em que o leal mensageiro, que pusera a criança sobre a sela do cavalo, batia, exausto, à porta grosseira da cabana do pastor, o corpo da Princesa era baixado até a cova aberta no jardim de uma igreja abandonada, fora dos portões da cidade; sepultura em que, segundo disseram, outro corpo jazia, pertencente a um jovem de beleza exótica e magnífica, com as mãos amarradas para trás com cordas cheias de nós e com o peito coberto por feridas vermelhas feitas a punhaladas.

Essa, pelo menos, era a história que as pessoas sussurraram umas às outras. O certo é que o velho Rei, em seu leito de morte, quer movido pelo remorso de seu grande pecado, quer meramente pelo desejo de que seu reino não fosse passado a alguém fora de sua linhagem, mandou buscar o rapaz, e, na presença do conselho, o reconheceu como sucessor.

Parece que desde o primeiro momento de seu reconhecimento, ele demonstrara sinais de uma estranha paixão pela beleza, destinada a exercer enorme influência sobre sua vida. Os que o acompanharam até o conjunto dos quartos reservados especialmente para ele comentavam com frequência a respeito da exclamação de prazer que rompeu de seus lábios quando viu o delicado vestuário e as ricas joias que haviam sido preparados para ele, e o contentamento quase selvagem com o qual arremessou para longe a grosseira túnica de couro e o rudimentar manto de pele de carneiro.

Às vezes, no entanto, sentia falta dos tempos de liberdade da vida na floresta, e estava sempre propenso a irritar-se com as tediosas cerimônias da Corte, que ocupavam grande parte do dia, mas o maravilhoso palácio *joyeuse*, como costumavam chamar, de que agora era o soberano, parecia-lhe um novo mundo recém-moldado para seu deleite, e assim que conseguia escapar da mesa de reuniões do Conselho, ou da sala de audiências, descia correndo as grandes escadarias, com leões de bronze dourados e degraus de pórfiro, e vagava de quarto em quarto, de corredor em corredor, como alguém que buscava encontrar na beleza um alívio para a dor, um tipo de cura para sua enfermidade.

Nessas jornadas de descobrimento, como costumava chamá-las - e, de fato, eram para ele verdadeiras viagens por uma terra maravilhosa - ele, algumas vezes, se fazia acompanhar pelos louros e esbeltos pajens da corte, com mantos flutuantes e alegres fitas que esvoaçavam, porém, mais comumente, ele ia sozinho, pressentindo com instinto sutil e infalível, que era quase como um presságio, que os mistérios da arte são conhecidos melhor em segredo, e que a beleza, como a sabedoria, ama os adoradores solitários.

Muitas histórias curiosas foram relatadas sobre ele e esse período. Diziam que um robusto Burgomestre, que viera pronunciar um discurso rebuscado em nome dos moradores da cidade, viu-o ajoelhado, em verdadeira adoração, diante de uma grande pintura recém-trazida de Veneza, e aquilo pareceu adoração de alguns novos deuses. Em outra ocasião ele foi procurado por muitas horas, e depois de uma longa busca, o encontraram em um pequeno quarto, numa das torres norte do

palácio, olhando fixamente, como se estivesse hipnotizado, para uma joia grega esculpida com a figura de Adonis. Também foi visto, segundo a lenda, pressionando os lábios mornos contra o rosto de mármore de uma antiga estátua, descoberta no leito do rio ao construírem uma ponte de pedra, em que estava inscrito o nome do escravo bitíneo de Adriano. Uma noite inteira ele passara observando o efeito do luar na imagem prateada de Endimião.

Seguramente, todos os materiais caros e valiosos exerciam grande fascinação sobre ele, e na ânsia por obtê-los, enviou vários mercadores; alguns para comercializar âmbar com as grosseiras tribos de pescadores dos mares do norte; outros para o Egito à procura de raras turquesas verdes, encontradas apenas nas tumbas dos soberanos e sobre as quais diziam possuir propriedades mágicas; alguns para a Pérsia, procurar por tapetes de seda e por cerâmica pintada, e outros para a Índia comprar gaze e marfim, selenitas e braceletes de jade, sândalo e esmalte azul e xales de lã refinada.

Mas o que mais o preocupava era a túnica que vestiria na coroação, a túnica tecida em ouro, a coroa crivada de rubis e o cetro com as fileiras e cercaduras de pérolas.

Na verdade, era nisso que ele estava pensando naquela noite, deitado na luxuosa cama, observando o tronco da grande árvore de pinho que queimava na lareira aberta. Os desenhos, feitos pelas mãos do maior artista da época, tinham ido entregues a ele muitos meses antes, e ordenara que os artesões trabalhassem duramente noite e dia para executá-los, e que fossem procuradas, pelo mundo todo, joias que valiosas para a confecção. Imaginou-se em pé no altar-mor da catedral, com a vestimenta apropriada a um Rei, e um sorriso brincou e demorou-se nos lábios de menino, iluminando com um brilho reluzente os olhos escuros silvestres.

Depois de algum tempo, levantou e, encostado contra a marquise entalhada da lareira, olhou em torno da sala mal iluminada. Nas paredes estavam penduradas ricas tapeçarias representando o Triunfo da Beleza. Um grande armário, incrustado com ágata e lápis-lazúli, ocupava um canto, e, de frente para a janela, ficava um curioso gabinete ornamentado com painéis laqueados com mosaicos pulverizados de ouro, em que estavam guardadas algumas delicadas taças de cristal veneziano e uma taça de ônix negro marmorizado. Papoulas brancas foram bordadas nos lençóis de seda que cobriam a cama, como se tivessem caído das mãos exaustas do sono, altos mastros de marfim estriado sustentavam o pátio de veludo, do qual grandes ramos de plumas de avestruz saltavam, como espuma branca, para a prata empalidecida do teto entalhado. Um Narciso em bronze verde, sorridente, segurava um espelho polido acima da cabeça. Na mesa, repousava uma tigela rasa de ametista.

Do lado de fora ele podia avistar a imensa cúpula da catedral, como uma bolha gigante sobre as casas sombrias, e as sentinelas fatigadas marchando de um lado a outro entre as brumas do terraço, junto ao rio. Em um pomar distante, um rouxinol cantava. Um lânguido perfume de jasmim chegou através da janela aberta. Ele penteou os cachos castanhos para trás e pegando o alaúde, deixou que os dedos deslizassem pelas cordas. As pesadas pálpebras curvavam-se e um estranho langor caiu sobre ele. Nunca antes tinha sentido tão ardentemente, nem com tão intensa alegria, a magia e o mistério das coisas belas.

Quando soou meia-noite no relógio da torre, um sinete foi tocado; os pajens entraram e o despiram com muita cerimônia, vertendo água-de-rosas em suas mãos e espalhando flores em seu travesseiro. Poucos minutos depois de deixarem o quarto, ele adormeceu.

Ao dormir, ele sonhou, e foi este seu sonho.

Sonhou que estava em um sótão comprido e alto, entre o chiado e os ruídos de muitos teares. A escassa luz do dia infiltrava-se através das grades das janelas e mostrava a ele as figuras esqueléticas dos tecelões curvados sobre as caixas. Crianças pálidas, doentias, agachavam-se sob as imensas vigas transversais. Assim que as lançadeiras atravessavam a urdidura, levantavam as pesadas tábuas para depois baixá-las, pressionando os fios. Suas faces eram macilentas devido à fome, as mãos magras oscilavam e tremiam. Algumas mulheres desfiguradas sentavam-se em uma mesa de costura. Um cheiro horrível preenchia o lugar. O ar era denso e repulsivo e as paredes gotejavam e escorriam umidade.

O jovem Rei se aproximou de um dos tecelões e postou-se a seu lado, observando-o.

O tecelão olhou para ele furioso, e disse. “Por que estás me olhando? És tu um espião enviado por nosso mestre?”.

“Quem é vosso mestre?”.

“Nosso mestre!”, exclamou o tecelão, com amargura. “É um homem, como eu. De fato, existe apenas uma diferença entre nós: ele veste roupas refinadas enquanto eu uso trapos, e enquanto estou enfraquecido pela fome, ele não sofre nem um pouco por comer demais”.

“O país é livre”, disse o jovem Rei, “e tu não és escravo de ninguém”.

“Na guerra”, respondeu o tecelão, “os fortes fazem dos fracos escravos, e na paz, os ricos escravizam os pobres. Precisamos trabalhar para viver, mas nos pagam um soldo tão baixo que morremos. Labutamos para eles o dia inteiro, e eles amontoam ouro nos cofres, mas nossas crianças se enfraquecem antes do tempo, e os rostos daqueles que amamos se tornam

duros e maus. Nós pisamos sobre as uvas, e outros bebem o vinho. Semeamos o trigo, mas nossa própria mesa está vazia. Usamos correntes, entretanto nenhum olho as vê, e somos escravos, embora os homens nos chamem livres”.

“E isso acontece a todos?”, perguntou.

“A todos”, respondeu o tecelão. “Tanto aos jovens quanto aos velhos, tanto às mulheres quanto aos homens, tanto às crianças novinhas quanto às mais velhas. Os mercadores nos massacram, mas nós precisamos forçosamente do trabalho que eles oferecem. O padre nos acompanha, rezando o terço, e ninguém se preocupa conosco. Por nossos caminhos sem sol rasteja a Pobreza com os olhos famintos, e o Pecado com sua face inchada segue logo atrás dela. A Miséria nos acorda pela manhã e a Vergonha senta-se conosco à noite. Mas o que significa tudo isso para ti? Tu não és um de nós. Teu rosto é muito feliz”. Ele virou-se com um olhar mal-humorado, atirou a lançadeira através do tear, e o jovem Rei viu que estava tecendo com fios de ouro.

Então um imenso horror apossou-se dele, e disse ao tecelão: “Que túnica é essa que estais tecendo?”.

“É a túnica para a coroação do jovem Rei”, respondeu, “mas o que isso significa para ti?”.

E o jovem Rei soltou um grande lamento, acordou e, vejam!, estava em seu próprio quarto, e através da janela pôde ver a imensa lua cor de mel suspensa no ar sombrio.

Ele adormeceu novamente e sonhou, e foi este seu sonho.

Sonhou que estava deitado no convés de uma galé gigantesca movida por centenas de escravos remadores. Em um tapete ao seu lado estava sentado o mestre da embarcação. Ele era negro como o ébano e usava um turbante de seda carmesim. Grandes brincos de prata puxavam para baixo os lóbulos grossos das orelhas e nas mãos trazia uma balança de marfim.

Exceto por uma tanga esfarrapada, os escravos estavam nus, acorrentados uns aos outros. O sol quente e brilhante batia sobre eles, os negros corriam de um lado para o outro pelo passadiço e os açoitavam com chicotes de couro. Eles estendiam os braços magros e empurravam os remos dentro d’água; o sal espirrava das pás.

Por fim alcançavam uma pequena baía e começaram a fazer a sondagem. Da costa soprava uma brisa leve, cobrindo o convés e a grande vela latina com uma fina camada de areia vermelha. Três árabes montados em burros selvagens cavalgavam atirando lanças sobre eles. O mestre da galé tomou um arco pintado nas mãos e atirou em um deles, transpassando-lhe a garganta. Ele caiu pesadamente no quebra-mar e seus companheiros fugiram a galope. Coberta por um véu amarelo, uma mulher os seguiu lentamente em um camelo, voltando-se para olhar, de vez em quando, para o corpo morto.

Tão logo lançaram âncora e recolheram as velas, os negros desceram ao porão e trouxeram a escada de cordas, pesadamente lastreada com chumbo. O mestre da galé atirou-a sobre o lado da embarcação, fazendo amarras nas pontas para dois pontaletes de ferro. Então os negros agarraram o escravo mais jovem, tiraram-lhe os grilhões, encheram nariz e ouvido com cera e prenderam uma pedra enorme em sua cintura. Ele arrastou-se de forma deprimente escada abaixo e desapareceu no mar. Algumas poucas bolhas subiram quando ele afundou. Outros escravos perscrutavam, curiosos sobre a borda. Na proa da galé estava sentado um encantador de tubarões, batendo monotonamente em um tambor.

Depois de algum tempo o mergulhador imergiu da água, agarrando-se ofegante à escada, trazendo uma pérola na mão direita. Os negros a tomaram dele e puseram-na numa pequena bolsa de couro verde. Os escravos dormiam apoiados nos remos.

Outra e mais outra vez ele subiu, e cada vez que e o fazia, trazia consigo uma bela pérola. O mestre da galé as pesava e as guardava num pequeno saco de couro verde.

O jovem Rei tentou falar, mas a língua pareceu estar presa no céu da boca, e os lábios recusavam-se a se mover. Os negros tagarelavam entre si, e começaram a disputar um colar de contas brilhantes. Duas garças azuis voavam repetidamente em torno das velas.

Então o mergulhador subiu pela última vez, e a pérola que trazia era mais linda que todas as pérolas de Ormuz, pois tinha a forma da lua cheia, e mais branca que a estrela da manhã. Mas a face do rapaz estava estranha e pálida e assim que ele caiu sobre o convés o sangue jorrou de suas orelhas e nariz. Ele estremeceu por um instante e depois ficou imóvel. Os negros deram de ombros, e arremessaram o corpo ao mar.

O mestre da galé riu, e esticando-se, agarrou a pérola; quando a viu, pressionou-a contra a testa e curvou-se.

“Esta deverá pertencer ao cetro do jovem Rei”, disse ele, fazendo sinal para os negros levantarem âncora.

E, ao ouvir isso, o jovem Rei soltou um grande lamento, despertando, e pela janela viu os dedos cinzas e longos do amanhecer agarrando as estrelas fugidias.

Ele adormeceu novamente e sonhou, e foi este seu sonho.

Sonhou que vagava por uma floresta sombria repleta de frutas desconhecidas e com belas flores venenosas. Serpentes sibilavam para ele quando passava; papagaios brilhantes voavam de galho em galho, gritando; tartarugas gigantes dormiam sobre a lama quente. As árvores estavam repletas de macacos e pavões.

Seguiu adiante até alcançar os arredores da floresta, e lá avistou uma multidão imensa de homens trabalhando duramente no leito de um rio drenado. Moviam-se como formigas sobre o penhasco. Cavavam veios profundos no solo,

desaparecendo dentro deles. Alguns fendiam as rochas com grandes machados, outros tateavam a areia. Arrancavam os cactos pela raiz e pisoteavam os botões escarlates. Estavam apressados chamando uns aos outros, e nenhum homem estava ocioso.

Da escuridão de uma caverna, a Morte e a Avareza os observava, e disse a Morte: “Estou exausta, dê-me um terço deles e deixe-me partir”.

Mas a Avareza meneou a cabeça: “Eles são meus servos”, ela respondeu.

E disse a Morte: “Que tens em tua mão?”.

“Eu trago três grãos de trigo”, respondeu, “O que é isso para ti?”

“Dê-me um deles”, clamou a Morte, “para que eu plante em meu jardim, apenas um deles, e eu partirei”.

“Não te darei nada”, disse a Avareza, e ocultou a mão na prega de sua roupa.

A Morte riu, tomou uma taça e a mergulhou num pequeno lago, e da taça saiu a Seção. Esta passou pelo meio da multidão e um terço caiu morto. Uma névoa fria a seguia, e cobras d’água corriam a seu lado.

Quando a Avareza viu que um terço da multidão estava morto, bateu no peito e chorou. Batendo no seio estéril, lamentou-se em voz alta. “Tu mataste um terço de meus servos”, gritou, “vai-te embora. Há guerra nas montanhas dos Tártaros, e os reis de cada um dos lados chamam por ti. Os afegãos mataram o touro negro e agora marcham para a guerra. Bateram em seus escudos com as lanças e puseram os elmos de ferro. O que é meu vale para ti, para que te demores por aqui? Vai-te embora, e não voltes mais”.

“Não”, respondeu a Morte, “enquanto não me deres um grão de trigo, não partirei”.

Mas a Avareza fechou a mão, cerrando os dentes. “Não te darei nada”, resmungou.

A Morte riu, pegou uma pedra negra e atirou na floresta, e de uma moita em um matagal selvagem veio a Febre em sua túnica vermelha. Passou pela multidão e tocou-os, e cada homem em que ela tocava, morria. Sob os pés, a grama secava ao passar.

A Avareza estremeceu e cobriu cinzas a cabeça. “Tu és cruel, tu és cruel. Há fome nas cidades muradas da Índia, e as cisternas de Samarcanda estão secas. Há fome nas cidades muradas do Egito e os gafanhotos vieram do deserto. O Nilo não inundou as encostas e os sacerdotes amaldiçoaram Isis e Osíris. Vai-te embora para aqueles que precisam de ti, e deixe a mim e a meus servos”.

“Não”, respondeu a Morte, “enquanto não me deres um grão de trigo não partirei”.

“Não te darei nada”, disse a Avareza.

A Morte riu novamente e assobiou com os dedos, e uma mulher veio voando pelo ar. “Praga” estava escrito em sua fronte e uma multidão de abutres magros dava voltas em torno dela. Com as asas, cobriu todo o vale, e nenhum homem foi deixado vivo.

A Avareza fugiu guinchando pela floresta; a Morte montou em seu cavalo vermelho e galopou para longe, e seu galope era mais rápido que o vento.

E do lodo do fundo do vale rastejaram dragões e horríveis criaturas escamosas; os chacais vieram trotando junto da areia, farejando o ar com as narinas.

O jovem Rei chorou, e disse: “Quem eram esses homens e pelo quê procuravam?”.

“Por rubis para a coroa de um Rei”, respondeu alguém atrás dele.

Então o jovem Rei estremeceu e, virando-se, viu um homem vestido como um peregrino, segurando na mão um espelho de prata.

Ele empalideceu, e disse: “Para que rei?”.

E o peregrino respondeu: “Olhe neste espelho e tu o verás”.

Ele olhou no espelho e, vendo a própria face, soltou um grande lamento e despertou; a brilhante luz do sol inundava o quarto e nas árvores do jardim e do parque cantavam os pássaros.

O Camarista e os altos oficiais do Estado vieram e o reverenciaram; os pajens trouxeram-lhe a túnica tecida com ouro e puseram a coroa e o cetro diante dele.

O jovem Rei contemplou os objetos e achou-os belos. Eram mais belos do que tudo o que ele já havia visto. Porém lembrou-se dos sonhos, e disse aos seus lordes: “Levem essas coisas daqui, pois eu não as usarei”.

Os cortesãos ficaram pasmos, alguns riram, pois pensaram que ele estivesse brincando.

Mas ele falou novamente, com severidade, dizendo: “Levem essas coisas daqui e escondam-nas de mim. Apesar de ser o dia de minha coroação, não as vestirei. Pois no tear da Tristeza, pelas mãos alvas da Dor, minha túnica foi tecida. Há Sangue no coração do rubi, e Morte no coração da pérola”. E contou-lhes os três sonhos.

Ao ouvirem, os cortesãos se entreolharam e sussurraram, dizendo: “Certamente ele está louco, pois o que é um sonho senão apenas um sonho, e uma visão, além de uma visão?” Não são coisas reais para que uma pessoa as considere. E o que temos com as vidas daqueles que mourejam por nós? Então um homem não deve comer o pão até ter visto o semeador, nem beber o vinho enquanto não tiver falado com o vinhateiro?”.

E disse o Camarista ao jovem Rei: “Meu senhor, rogo-te para mandes embora esses pensamentos negros, vistas a túnica e ponhas a coroa sobre tua cabeça. Pois como as pessoas saberão que sois o rei se não tens as vestimentas de um rei?”.

O jovem Rei olhou para ele e disse: “É assim como dizes?”, perguntou. “Eles não me reconhecerão como rei se eu não usar as vestimentas de um rei?”.

“Eles não te reconhecerão, meu senhor”, exclamou o Camarista.

“Pensava haver homens com majestade”, respondeu, “mas pode ser que seja como dizes. Ainda assim não vestirei essa túnica, nem serei coroado com essa coroa, mas do mesmo jeito que cheguei a este palácio, dele sairei publicamente”.

Ordenou que todos o deixassem, exceto um pajem a quem manteve como companhia, e que era um ano mais jovem que ele. A esse ele manteve a seu serviço, e depois de ter-se banhado em água límpida, abriu uma grande arca pintada, e dela retirou a túnica de couro e o rude manto de pele de carneiro, que vestia quando vigiava, na encosta, as cabras peludas do cabreiro. Esses ele pôs sobre si, e tomou nas mãos o tosco cajado de pastor.

O pequeno pajem abriu os grandes olhos azuis, espantado, e disse sorrindo: “Meu senhor, vejo a túnica e o cetro, mas onde está a coroa?”.

O jovem Rei colheu um ramo da roseira silvestre que subia por sobre a sacada, torceu até formar um círculo e colocou-o na cabeça.

“Esta será minha coroa”.

E assim vestido passou de seu quarto ao Grande Salão, em que os nobres esperavam por ele.

Os nobres ficaram divertidos, e alguns gritaram para ele: “Meu senhor, as pessoas esperam pelo rei, e tu mostras a elas um mendigo”, outros disseram, com raiva: “ele envergonha nossa condição e não é digno de ser nosso mestre”. Mas ele não lhes respondeu uma única palavra, apenas prosseguiu, descendo a reluzente escadaria de porfírio, e, saindo pelos portões de bronze, montou em seu cavalo e cavalgou em direção à catedral, com o pequeno pajem correndo ao lado.

As pessoas riam, dizendo: “É o bobo da corte quem está cavalgando?”, e zombavam dele.

Ele segurou as rédeas, e disse: “Não, eu sou o Rei”. E contou-lhes os três sonhos.

Um homem saiu da multidão e falou-lhe amargamente, dizendo: “Senhor, não sabes que do luxo dos ricos depende a vida dos pobres? Do seu fausto somos alimentados e seus vícios trazem-nos o pão. Labutar para um mestre inclemente é amargo, mas não ter nenhum mestre a quem servir é ainda mais amargo. Acaso pensas que os corvos nos alimentarão? E que solução tens para essas coisas? Dirás ao comprador: ‘Deverás comprar por tal quantia’, e ao vendedor: ‘Deverás vender por tal preço’. Eu não creio. Portanto, voltas a teu palácio e ponhas a túnica púrpura e o linho refinado. Que sabes tu sobre nós, ou de nosso sofrimento?”.

“Não são ricos e pobres irmãos?”, perguntou o jovem Príncipe.

“Sim”, respondeu o homem, “e o nome do irmão rico é Caim”.

Os olhos do jovem Príncipe encheram-se de lágrimas e ele cavalgou por entre o murmurar das pessoas; o pequeno pajem sentiu medo e o abandonou.

Ao alcançar o grande portão da catedral, os soldados apontaram as alabardas, dizendo: “O que procuras aqui? Ninguém pode entrar por esta porta a não ser o Rei”.

Ele corou de tanta raiva, e disse-lhes: “Eu sou o Rei”, empurrou as alabardas para o lado e passou.

Quando o velho Bispo o viu chegar vestido de pastor, ergueu-se do trono, admirado, e foi ao encontro dele, dizendo: “Meu filho, é essa a aparência de um rei? E com que coroa deverei te coroar, qual cetro deverei por em tuas mãos? Certamente este deveria ser um dia de alegria e não um dia de humilhação”.

“Deverá a Alegria vestir o que a Dor modelou?”, disse o jovem Rei. E contou-lhe os três sonhos.

Quando o Bispo terminou de ouvir, franziu as sobrancelhas e disse: “Meu filho, sou um homem velho, estou no inverno de meus dias, e sei que muitas coisas perversas ocorrem neste mundo vasto. Ladrões ferozes descem das montanhas, levam as crianças e as vendem-nas aos mouros. Leões deitam-se a espera das caravanas, e saltam sobre os camelos. Javalis selvagens escavam o trigo nos vales e as raposas roem os vinhedos nas colinas. Piratas assolam a enseada, queimando os barcos dos pescadores e tomando-lhes as redes. Nas salinas vivem os leprosos, têm casas de junco trançado e ninguém pode aproximar-se deles. Mendigos vagam pelas cidades e comem com os cães. Podes fazer com que essas coisas não aconteçam? Levarás o leproso para dormir em tua cama e sentarás o mendigo em tua mesa? Cumprirá o leão as tuas ordens, ou o javali selvagem te obedecerá? Não é Aquele que criou a miséria mais sábio do que tu? Por isso, não louvo tua atitude e ordeno-te que cavalgues de volta ao palácio e alegres teu rosto, que ponhas a vestimenta que cabe a um rei e com a coroa de ouro eu te coroarei, e o cetro de pérolas eu porei em tua mão. E quanto a teus sonhos, não penses mais neles. O fardo deste mundo é muito grande para um homem carregar, e a dor do mundo é muito pesada para que um coração a sofra”.

“Dizes isso nesta casa?”, respondeu o jovem Rei, e, andando a passos largos, passou pelo Bispo e subiu os degraus, permanecendo em pé diante da imagem de Cristo.

Permanecendo em pé diante da imagem de Cristo, à direita e à esquerda estavam magníficos vasos de ouro, o cálice

com vinho amarelo e o frasquinho com o óleo sagrado. Ele se ajoelhou diante da imagem de Cristo, e as imensas velas queimaram, cintilantes, ao lado do sacrário adornado com joias, a fumaça do incenso formava espirais azuis que subiam em direção à abóbada. Curvou a cabeça em oração e os sacerdotes, com as rijas capas de asperges, afastaram-se do altar.

De repente, um tumulto desordenado veio da rua, do lado de fora, e os nobres precipitaram-se no templo, com espadas desembainhadas, plumas ondulantes e escudos de aço polido.

“Onde está o sonhador de sonhos?”, gritaram. “Onde está o Rei que usa trajes de mendigo, o menino que traz vergonha para nossa condição? Com certeza o mataremos, pois é indigno para nos governar”.

O jovem Rei curvou a cabeça novamente, e rezou, e ao terminar a oração, ergueu-se, voltou-se e fitou-os tristemente.

E, vejam!, através dos vitrais das janelas desceu sobre ele uma torrente da luz do sol, e os raios solares teceram ao seu redor uma túnica ainda mais bela que a outra modelada para seu prazer. O cajado estéril cobriu-se de flores, revelando lírios mais brancos que pérolas. Mais brancos que pérolas refinadas eram os lírios, e as hastes eram brilhantes como prata. Mais rubros que os rubis eram as rosas, e as folhas eram de ouro avermelhado.

Ele permaneceu em pé, vestido como um rei, e as portas do sacrário coberto de joias abriram-se completamente, e do cristal lapidado do ostensório resplandeceu uma magnífica luz mística. Ele permaneceu em pé, vestido como um rei, e a Glória de Deus preencheu o lugar, e os santos em seus nichos entalhados pareciam se mover. Na bela vestimenta de um rei ele se manteve à frente deles, e o órgão executou sua música, os trombeteiros sopraram a trombetas e os meninos cantores cantaram.

As pessoas caíram de joelhos em reverência, os nobres embainharam as espadas e prestaram homenagem; o Bispo empalideceu, suas mãos tremiam. “Alguém acima de mim te coroou”, exclamou, e ajoelhou-se diante dele.

E o jovem Rei desceu do altar-mor, e dirigiu-se para casa, atravessando por entre as pessoas. Mas ninguém ousou olhar para sua face, pois era como a face de um anjo.

FIM

THE BIRTHDAY OF THE INFANTA

Dedicado à Sra. William H. Grenfel de Taplow Court – Lady Desborough

Era o dia do aniversário da Infanta. | Ela estava completando doze anos de idade, e o sol brilhava, reluzindo nos jardins do palácio.

Apesar de ser uma Princesa de verdade, e a Infanta de Espanha, ainda assim ela fazia aniversário apenas uma vez por ano, igualzinho aos filhos das pessoas pobres, por isso, naturalmente, era de interesse de todo o reino que aquele fosse um dia verdadeiramente agradável para ela. E com certeza aquele foi um dia verdadeiramente agradável. As altas tulipas raiadas mantinham-se eretas nos talos, semelhantes a uma grande fileira de soldados, e olhavam desafiadoramente para as rosas, por meio da grama, dizendo: “Neste momento, nós estamos tão esplêndidas quanto vocês!” Borboletas púrpuras agitavam-se em volta, com as asas cobertas por uma poeira dourada, visitando uma flor de cada vez; pequenas lagartixas saíam pelas frestas dos muros para esquentarem-se ao sol; e, com o calor, as romãs estalavam e abriam-se, deixando à mostra os corações vermelho-sangue. Até mesmo os pálidos limões amarelos, que pendiam em grande profusão das treliças mofadas e ao longo das escuras arcadas, pareciam ter conseguido com maravilhosa luz do sol, uma cor mais rica. Árvores de magnólia abriam os botões de marfim arqueado, redondos e grandes, preenchendo o ar com um perfume doce e encorpado.

No terraço, a própria Princesinha caminhava para cima e para baixo com seus companheiros, brincando de esconde-esconde em torno dos vasos de pedra e das estátuas antigas cobertas de musgo. Em dias comuns ela era autorizada a brincar apenas com crianças da mesma estirpe, e por isso sempre brincava sozinha, mas no aniversário abria-se uma exceção, e o Rei havia dado ordens autorizando-a a convidar alguns amiguinhos de quem gostava para virem e se divertirem juntos. Havia uma graça imponente nessas esbeltas crianças espanholas enquanto deslizavam ao redor; os meninos, com os chapéus emplumados e os mantos curtos, ondulantes; as meninas segurando a cauda dos longos vestidos de brocado; protegendo os olhos do sol com imensos leques negros e prateados. Mas a Infanta era a mais graciosa de todos, e a mais bem vestida, segundo a moda um tanto incômoda daqueles tempos. Usava uma túnica de cetim cinza, com a saia e as grandes mangas em tufos, pesadamente bordadas com fios de prata; o rijo corpete trazia fileiras de pérolas refinadas. Ao caminhar, dois minúsculos sapatinhos com grandes rosetas cor-de-rosa espiavam por baixo do vestido. Rosa e perolado era seu grande leque de gaze; e, nos cabelos, que pareciam uma auréola de ouro clarinho, levantados e duros em torno da face pequenina e pálida, ela trazia uma bela rosa branca.

De uma das janelas do palácio, o Rei triste e melancólico os observava. Atrás dele estava o irmão, Dom Pedro de Aragão, a quem ele odiava, e o confessor, o Grande Inquisidor de Granada, sentava-se a seu lado. Estava o Rei mais triste que de costume, pois ao ver a Infanta fazendo medidas, com uma reverência infantil, aos cortesãos reunidos, ou rindo, atrás do leque, da severa Duquesa de Albuquerque, que sempre a acompanhava, ele lembrou da jovem Rainha, a mãe da princesa. Há pouco tempo - ao menos assim lhe parecia - ela havia chegado do alegre reino de França, mas desvaneceu-se à sombra do esplendor da corte de Espanha, morrendo exatamente seis meses depois do nascimento da filha, antes de ter visto, no pomar, os botões das amêndoas brotarem uma segunda vez; ou apanhado as frutas da segunda florada da velha figueira retorcida que ficava no centro do pátio, onde agora a grama cresce. Tão grande tinha sido seu amor por ela que ele não naquele mês de março, num dia de ventania, há quase doze anos atrás. Uma vez por mês, o Rei, permitiu que nem mesmo o sepulcro a ocultasse dele. Mandou que fosse embalsamada por um médico mouro, a quem, como pagamento pelo serviço, foi concedido o direito à vida. Segundo diziam, o médico fora condenado por heresia e suspeita de prática de magia, e estava perdido para o Santo Ofício. Assim, o corpo da Rainha ainda jazia no ataúde recoberto com tapetes bordados, na capela do Palácio, feita com mármore negro, exatamente do modo como os monges a deixaram envolta em um manto negro, com uma lanterna escondida entre as mãos, entrava na capela e ajoelhava-se ao lado dela, chamando alto: “*Mi reina! Mi reina!*” | , algumas vezes quebrando a rígida etiqueta, que, na Espanha, rege cada ato individual da vida, impondo limites inclusive à tristeza de um Rei, ele apertava a pálida mão coberta de joias, com uma agonia selvagem e aflita, e tentava, com beijos enlouquecidos, reviver a face maquiada e fria.

Hoje ele parecia vê-la novamente, como a tinha visto pela primeira vez no Castelo de Fontainebleau, quando ele tinha apenas quinze anos de idade, sendo ela ainda mais jovem. Naquela ocasião o Núncio Papal os declarou formalmente noivos, na presença do Rei da França e de toda a Corte, e ele retornou ao Escorial levando consigo uma argolinha feita de cabelos amarelos, além da lembrança de lábios infantis inclinando-se para beijar-lhe as mãos assim que ele entrou na carruagem. Mais tarde seguiu-se o casamento, realizado rapidamente em Burgos, uma pequena cidade na fronteira entre os dois países; e a

formidável entrada pública em Madri, com a habitual celebração missa solene na Igreja de Atocha, e o auto-de-fê, solenidade mais que corriqueira, em que perto de trezentas pessoas condenadas por heresia, entre elas muitos ingleses, foram entregues ao poder secular para serem queimados vivos.

Com certeza ele a amou loucamente, para a ruína, segundo muitos pensavam, de seu próprio país, que na época estava em guerra com a Inglaterra pela possessão do império do Novo Mundo. Ele dificilmente permitia a ela ficar longe de seus olhos; por causa dela, ele esqueceu, ou pareceu ter esquecido, todos os importantes assuntos de Estado, e, com a terrível cegueira que a paixão traz a seus servos, ele falhou em não perceber que as rebuscadas cerimônias com buscou agradá-la só serviram para agravar o estranho mal de que ela sofria. Quando ela morreu, ele ficou por um tempo igual a alguém privado de razão. De fato, não há dúvida de que teria abdicado formalmente do trono e se retirado para o grande monastério trapista em Granada, em que era o prior titular, não fosse o medo em deixar a pequena Infanta à mercê do irmão, cuja crueldade, mesmo na Espanha, era notória. Muitos, inclusive, suspeitavam de que ele tivesse provocado a morte da Rainha por meio de um par de luvas envenenadas, dadas a ela de presente na ocasião em que a recebeu em visita em seu castelo, em Aragão. Mesmo após terem expirado os três anos de luto oficial que o Rei havia imposto a todos os domínios, mediante édito real, ele nunca permitiu que os ministros falassem a respeito de qualquer novo matrimônio; e quando o próprio Imperador dirigiu-se a ele, oferecendo em casamento a mão de sua sobrinha, a adorável Arquiduquesa da Boêmia, ele ordenou aos embaixadores que dissessem ao mestre que o Rei da Espanha já havia se casado com a Tristeza, e, apesar de ela ser uma noiva estéril, ele a amava mais que à Beleza. Tal resposta custou à Coroa as ricas províncias dos Países Baixos, que, logo depois, instigadas pelo Imperador, revoltaram-se contra o Rei sob a liderança de alguns fanáticos da Igreja Reformada.

Toda sua vida conjugal, de alegria feroz e ardente, e a terrível agonia do fim repentino, pareceram retornar naquele dia enquanto ele observava a Infanta brincando no terraço. Ela herdou a graciosa maneira petulante de ser; o mesmo jeito teimoso de mover a cabeça; o contorno altivo dos belos lábios; o mesmo sorriso maravilhoso – *vrai sourire de France* –, de fato – quando mirava a janela, uma vez ou outra, ou quando oferecia a mãozinha para um imponente cavaleiro de Espanha beijar. Mas o riso estridente das crianças irritava os ouvidos; a brilhante e impiedosa luz do sol zombava de sua dor; e um odor carregado de estranhas especiarias, iguais àquelas usadas pelos embalsamadores parecia envenenar – ou seria apenas imaginação? – o ar limpo da manhã. O soberano enterrou a face entre as mãos, e quando a Infanta olhou novamente as cortinas tinham sido fechadas, e o Rei havia se retirado. Ela fez uma pequena *moue* de desapontamento, e deu de ombros. Certamente ele deveria permanecer com ela no dia do aniversário. Que importância tinha os tolos assuntos de Estado? Ou teria ele ido à tenebrosa capela, cujas velas nunca cessavam de arder, e onde ela nunca tivera permissão de entrar? Que tolice da parte dele, ir para um lugar assim quando o sol brilhava com tanta intensidade, e todos estavam tão felizes! Além do mais, ele perderia a simulação da tourada, que as trombetas já anunciavam, para não falar do teatro de marionetes e das outras coisas maravilhosas. Seu tio e o Grande Inquisidor eram muito mais sensatos. Eles haviam saído para o terraço, e prestado-lhe elogios amáveis. Então ela agitou a graciosa cabeça, e, tomando D. Pedro pelas mãos, desceu os degraus lentamente em direção a um extenso pavilhão de seda púrpura que fora erguido na extremidade do jardim. As outras crianças a seguiram, obedecendo a severa ordem de precedência, segundo a qual as de nomes mais longos deveriam ir à frente.

Um desfile de jovens nobres, deslumbrantemente vestidos de toureiros, veio ao encontro da princesa, e o jovem Conde de Terra Nova, rapaz maravilhosamente belo, com cerca de quatorze anos, descobrindo a cabeça com toda a graça de alguém nascido fidalgo e grande de Espanha, conduziu-a solenemente até a pequena cadeira dourada de marfim, situada sobre uma plataforma elevada acima da arena. As crianças agruparam-se em por toda volta, abanando os grandes leques e cochichando uma às outras, enquanto D. Pedro e o Grande Inquisidor permaneceram rindo, na entrada. Até mesmo a Duquesa “a Camareira mestra, como era chamada” uma mulher esbelta, de aspecto severo, usando uma gola amarela de tufos engomados, não parecia tão mal-humorado como de costume, e algo semelhante a um sorriso frio passou rapidamente pela face enrugada, contraíndo os finos lábios descolorados.

Certamente tratava-se de magnífica tourada, e muito mais agradável, pensou a Infanta, que as verdadeiras touradas às quais ela foi levada para assistir em Sevilha, por ocasião da visita feita ao rei pelo Duque de Parma. Alguns garotos empinavam os cavalos-de-pau ricamente ornados, brandindo os dardos compridos, com alegres fitas brilhantes presas a eles; outros vinham a pé, agitando as capas escarlates diante do touro, saltando com facilidade o cercado, quando ele os perseguia. Quanto ao próprio touro, parecia-se muito com um animal de verdade, apesar de ser feito de vime e couro esticado, e insistir, algumas vezes, em correr pela arena apenas com as duas patas traseiras, coisa que nenhum touro jamais pensou em fazer. Ele usou disso, inclusive, para dar esplêndido combate, e as crianças ficaram tão entusiasmadas que subiram nos bancos, agitando os lenços rendilhados enquanto gritavam: *Bravo toro! Bravo toro!*, tão sensatamente como se fossem adultos. No final, após um combate prolongado, durante o qual diversos cavalos-de-pau foram completamente chifrados, os cavaleiros desmontaram. Então, o Conde Terra Nova trouxe o touro, posto de joelhos, e, obtendo a permissão da Infanta para desferir o *coupe de grâce*, mergulhou a espada de madeira no pescoço do animal com tanta violência que a cabeça desprende-se, descobrindo

a face sorridente do pequeno *Monsieur* de Lorraine, o filho do embaixador da França em Madri.

Entre muitos aplausos, a arena foi esvaziada. Solenemente, os cavalinhos de pau foram arrastados por dois pajens mouros, vestidos com librés amarelas e negras, e, depois de pequeno intervalo, durante o qual um experiente equilibrista francês exibiu-se na corda-bamba, alguns bonecos italianos representaram a tragédia clássica *Sofonisba* no palco do pequenino teatro construído especialmente para esse propósito. Eles atuaram tão bem, com gestos tão absolutamente naturais, que no encerramento da peça os olhos da Infanta estavam completamente cobertos de lágrimas. De fato, algumas crianças choraram realmente, sendo consoladas com docinhos, e mesmo o Grande Inquisidor ficou tão emocionado que não pôde evitar dizer a D. Pedro que lhe parecia intolerável que coisas feitas de simples madeira e cera colorida, movidas mecanicamente com arames, pudessem ser tão infelizes, acometidas por tantas desgraças.

Em seguida, veio um ilusionista africano que trouxe consigo uma cesta grande e plana, coberta com um pano vermelho, e, tendo-a colocado no centro da arena, tirou do próprio turbante uma flauta estranha flauta de bambu, soprando através dela. Dentro de poucos minutos o pano começou a mover-se, e enquanto a flauta se tornava cada vez mais estridente, duas serpentes verdes e douradas puseram para fora as estranhas cabeças triangulares, erguendo-se lentamente, balançando para lá e para cá ao ritmo da música, como as plantas balançam-se na água. As crianças, contudo, ficaram bastante assustadas com as cristas manchadas e as línguas rápidas, como setas sendo atiradas, ficando muito mais contentes quando o ilusionista fez brotar da areia uma pequenina laranjeira carregada de graciosos botões brancos e montes de laranjas de verdade. E quando ele tomou o leque da filhinha do Marquês de Las Torres, transformando-o em um pássaro azul, que voou, cantando, em torno do pavilhão, o encanto e o assombro não conheceram limites. O minueto solene, apresentado pelos meninos dançarinos da igreja de Nossa Senhora del Pilar, estava encantador. A Infanta nunca havia visto essa maravilhosa cerimônia antes, que tem lugar todos os anos, em maio, em frente do altar-mor da Virgem, e feita em homenagem a ela. Na verdade, nenhum membro da família real da Espanha tornou a entrar na grande catedral de Saragossa desde que um padre louco (segundo muitos supunham, tendo recebido pagamento de Elizabeth da Inglaterra) tentara administrar uma hóstia envenenada ao Príncipe de Astúrias. Por isso ela conhecia a Dança de Nossa Senhora, como era chamada, apenas de ouvir falar, e, certamente, era muito bonita de se ver. Os meninos estavam vestidos com trajes da corte de modelo antigo, feitos de veludo branco, e seus curiosos chapéus de três pontas estavam orlados com prata, encimados por imensas plumas de penas de avestruz. A brancura deslumbrante dos trajes, conforme se moviam à luz do sol, tornava-se ainda mais acentuada em contraste com as faces morenas e os longos cabelos negros. Todos estavam fascinados com a grave dignidade com se moviam por meio das intrincadas representações da dança, com a graça detalhada da lentidão dos gestos e as imponentes reverências. Quando terminaram a apresentação, tirando os grandes chapéus emplumados diante da Infanta, ela retribuiu a reverência com muita cortesia, prometendo que enviaria uma imensa vela de cera ao santuário de Nossa Senhora do Pilar em retribuição ao prazer que ela tinha lhe proporcionado.

Uma tropa de belos egípcios - como os ciganos eram chamados naquele tempo - adentrou a arena, e, sentando-se em círculo, com as pernas cruzadas, começaram a tocar as cítaras suavemente, movendo os corpos conforme a melodia, sussurrando bem baixinho uma pequena cantiga sonhadora. Quando avistaram Dom Pedro, lançaram-lhe um olhar mal-humorado, e alguns deles estavam apavorados, pois, apenas há algumas semanas antes ele tinha enforcado dois membros da tribo na feira de Sevilha, acusados de feitiçaria. Mas a graciosa Infanta deixou-os encantados ao recostar-se, espiando por sobre o leque com os grandes olhos azuis, e eles sentiram-se seguros de que alguém tão amável quanto ela jamais poderia ser cruel com ninguém. Então eles continuaram tocando muito docemente, apenas roçando as cordas das cítaras com as unhas compridas e pontiagudas, enquanto suas cabeças começaram a inclinar-se, como se eles estivessem caindo no sono. De súbito, com um grito tão estridente que todas as crianças se assustaram, e Dom Pedro agarrou o punho de ágata de sua adaga, eles saltaram em pé, rodopiando loucamente em torno do cercado, batendo em seus pandeiros, entoando alguma selvagem canção de amor em sua língua estranha e gutural. Então, com outro sinal, todos eles lançaram-se novamente à relva, deitando-se completamente imóveis, sendo o lento dedilhar das cítaras o único som a romper o silêncio. Depois de terem feito isso inúmeras vezes, desapareceram por um instante, e voltaram conduzindo um urso marrom e felpudo acorrentado. Nos ombros, os ciganos traziam ainda alguns pequenos macacos da Barbaria. O urso ergueu a cabeça com a máxima gravidade, enquanto os enrugados macacos faziam todo tipo de truques divertidos com dois meninos ciganos, que pareciam ser seus mestres, lutando com pequeninas espadas, atirando com armas, e, ao fazerem o mesmo treinamento que os soldados da corporação, parecia-se com a própria guarda do rei. De fato, os ciganos foram um verdadeiro sucesso.

Mas a parte mais engraçada de toda a manhã, foi indubitavelmente a dança do pequeno Anão. Quando ele tropeçou na arena, gingando sobre as pernas tortas, abanando a cabeça mal-formada de um lado para outro, as crianças explodiram num grito alto de contentamento, e a própria Infanta riu tanto que a camareira foi obrigada a lembrá-la de que, apesar de existirem muitos precedentes na Espanha de filhas de rei que choraram perante seus iguais, não havia nenhum a respeito de uma princesa de sangue real que tivesse demonstrado tanta alegria diante daqueles que lhe eram inferiores por nascimento. O Anão, porém, era realmente de todo irresistível, e mesmo na corte espanhola, sempre célebre por cultivar a paixão pelo horrível, nunca

tinham visto criaturinha tão fantástica. Essa era, também, sua primeira aparição. Ele tinha sido descoberto apenas no dia anterior, correndo, selvagem, pela floresta, por dois nobres que, por acaso, estavam caçando numa parte remota do grande bosque que cercava a cidade, e que o levaram para o palácio, como uma surpresa para a Infanta. Seu pai, um pobre carvoeiro, sentiu-se muito grato por ver-se livre de uma criança tão feia e inútil. Talvez a coisa mais divertida a respeito dele era o completo desconhecimento que tinha sobre a própria aparência grotesca.

Na verdade, ele parecia completamente feliz, pleno da mais elevada disposição de ânimo. Quando as crianças riam, ele ria tão intensamente e com tanta alegria quanto qualquer uma delas, e no fim cada dança, ele fazia a todas elas as mais cômicas reverências, sorrindo e acenando com se fosse verdadeiramente igual a elas, e não uma pequena coisa mal-formada que a Natureza, com disposição para o cômico, o moldou assim para que os outros zombassem dele. E quanto à Infanta, ela deixou-o absolutamente fascinado. Ele não conseguia manter os olhos longe dela, parecendo dançar apenas para a princesa. No encerramento da apresentação, lembrando de que havia visto as senhoras importantes da corte atirarem ramalhetes de flores para Caffarelli (famoso soprano italiano, a quem o papa enviara de sua própria capela para Madri, com o intuito de curar a melancolia do Rei com a doçura de sua voz) ela tirou dos cabelos a bela rosa branca, e, em parte por gracejo, em parte para provocar a camareira, atirou-a para ele do outro lado da arena, com seu sorriso mais doce. O menino levou o assunto completamente a sério, e apertando a flor nos lábios toscos e grossos, colocou a mão sobre o coração, e ajoelhou-se sobre uma perna diante dela, sorrindo de orelha a orelha, com os pequenos olhos brilhantes faiscando de prazer.

Isso alterou de tal forma a seriedade da Infanta que ela ainda continuou rindo muito tempo depois do pequenino Anão ter corrido da arena, expressando ao seu tio seu desejo de que a dança fosse imediatamente repetida. A camareira, entretanto, argumentando que o sol estava quente demais, decidiu que seria melhor que sua Alteza retornasse sem demora ao palácio, onde uma maravilhosa já estava preparada para ela, incluindo um majestoso bolo de aniversário com as iniciais da princesa pintadas com açúcar, e uma bandeira de prata tremulando no topo. A Infanta ergueu-se adequadamente com muita dignidade, e tendo ordenado que o pequeno anão deveria dançar novamente para ela depois da hora da sesta, comunicou seus agradecimentos ao Conde de Tierra Nueva por recepção tão encantadora. Então, ela retornou a seus aposentos, seguida pelas crianças, que obedeceram à mesma ordem de precedência com que haviam entrado.

Então, quando o Anãozinho ouviu que iria dançar pela segunda vez diante da Infanta, e por ordem expressa dela mesma, ficou tão orgulhoso que correu pelo jardim, beijando a rosa branca em um absurdo êxtase de prazer, fazendo os mais rudes e desajeitados gestos de contentamento.

As flores estavam completamente indignadas por ele ter ousado entrar na bela casa delas, e quando o viram saltando para cima e para baixo pelo passeio, balançando os braços acima da cabeça de forma tão ridícula, elas não puderam conter seus sentimentos por mais tempo.

“Ele é, de longe, realmente feio demais para permitir-se brincar em qualquer lugar em que nós estejamos”, exclamaram as Tulipas.

“Ele devia beber suco de papoula e dormir por milhares de anos”, disseram os grandes Lírios escarlata, tornando-se completamente vermelhos de raiva.

“Ele é um perfeito horror!” Gritou o Cacto. “Sim, porque é torto e atarracado, e a cabeça é completamente desproporcional em relação às pernas. Realmente, ele faz com que eu me sinta todo irritado, e se vier para perto de mim, vou espetá-lo com meus espinhos”.

“E ele verdadeiramente pegou um de meus melhores botões”, exclamou a Roseira branca. “Eu mesma a dei para a Infanta esta manhã, como presente de aniversário, e ele a roubou”. E ela gritou: “Ladrão! Ladrão! Ladrão!” o mais alto que pôde.

Até mesmo o Gerânio vermelho, que não costumava dar-se ares de importância, sendo conhecidos pelo grande número de parentes pobres, se enrolaram de aversão quando o viram, e quando as Violetas humildemente observaram que embora ele fosse, com certeza, extremamente sem-graça, ele não podia fazer nada a esse respeito, eles replicaram com boa parte de razão que aquele era seu principal defeito, e não havia razão para alguém admirar uma pessoa por ela ser incurável; e, de fato, algumas Violetas sentiram que a feiura de Anãozinho era quase ostentação, e que demonstraria melhor bom gosto se parecesse triste, ou pelo menos pensativo, em vez de pular alegremente, lançando-se em tais atitudes estúpidas e grotescas.

Quanto ao velho Relógio de Sol, pessoa extremamente notável, que, certa vez, tinha informado as horas a ninguém menos que o imperador Charles V em pessoa, estava tão surpreso com a aparência do Anãozinho que quase esqueceu de marcar dois minutos inteiros com seu longo dedo de sombra, e não pode evitar dizer ao grande Pavão branco, que estava tomando sol na balaustrada, que todos sabiam que filhos de reis são reis, e filhos de carvoeiros são carvoeiros, e era absurdo fingir o contrário. O Pavão concordou inteiramente com essa afirmação, e, de fato, gritou: “Certamente, certamente!”, tão alto

e com voz tão severa que os peixes dourados que viviam no tanque da fonte de água fresca, puseram as cabeças para fora da água, perguntando ao imenso Tritão de pedra o que estava havendo na terra.

Mas, de alguma forma, os pássaros gostavam dele. Eles o viram com frequência na floresta, dançando por perto como um elfo atrás das folhas em redemoinho, ou rastejando no oco de algum velho carvalho, partilhando nozes com os esquilos. Eles não se importavam com a feiura dele, nem um pouquinho. Pois, mesmo o próprio rouxinol, que, à noite, cantava tão docemente no bosque de laranjas que algumas vezes a Lua inclinava-se para ouvi-lo, não tinha lá muitos atrativos, no final das contas. E além do mais, ele tinha sido gentil com eles, e durante aquele terrível e penoso inverno, quando não chegaram a descer até os portões da cidade, em busca de comida, ele não se esqueceu deles nem uma vez, sempre lhes dando migalhas de seu pequeno naco de pão preto, dividindo com eles o que quer que ele tivesse em seu parco desjejum.

Assim, voaram repetidamente em torno dele, apenas tocando-lhe a bochecha com as asas quando passavam, conversando entre si, e o Anãozinho estava tão feliz que não pôde deixar de mostrar a eles a linda rosa branca, contando-lhes que a recebera da própria Infanta, pois ela o amava. Os pássaros não entenderam uma única palavra do ele dizia, mas não tinha importância, porque eles puseram a cabeça para um lado, com um olhar inteligente, o que é quase tão bom quanto entender alguma coisa, e muito mais fácil.

As Lagartixas também sentiam enorme simpatia por ele, e quanto se sentiu cansado de correr por todo lado, atirando-se por sobre a relva para descansar, elas brincaram e fizeram travessuras em torno dele, tentando diverti-lo da melhor forma que podiam. “Nem todos podem ser tão belos quanto as lagartixas”, elas exclamaram, “seria esperar demais. E, apesar disso soar como uma coisa absurda de se dizer, ele realmente não é tão feio afinal de contas, contanto, é claro, que a pessoa feche os olhos e não olhe para ele”. Lagartixas são extremamente filosóficas por natureza, e sempre se sentam juntas por horas e horas, quando não têm nada mais a fazer, ou quando o tempo está chuvoso demais para poderem sair.

As Flores, no entanto, estavam por demais aborrecidas com o comportamento dele, e com o comportamento dos pássaros também. “Isso apenas demonstra”, disseram elas, “a conseqüente vulgaridade que essas correrias e voos incessantes provocam. Pessoas bem-educadas sempre permanecem exatamente no mesmo lugar, como nós fazemos. Ninguém nunca nos viu saltando para cima e para baixo nos passeios, ou trotando loucamente pela grama atrás de libélulas. Quando queremos mudar de ares, nós ordenamos ao jardineiro, e ele nos transporta para outro canteiro. Isso é nobre, e é assim que deve ser. Contudo, pássaros e lagartixas não têm nenhuma noção do que seja repouso, e naturalmente pássaros não têm sequer um endereço fixo. São meros vagabundos, como os ciganos, e devem ser tratados exatamente da mesma maneira”. Assim, empinaram o nariz, parecendo muito arrogantes, e ficaram plenamente encantadas quando, depois de algum tempo, viram o Anãozinho erguer-se da grama, tomando o caminho através do terraço em direção ao palácio.

“Ele certamente deveria ser mantido entre quatro paredes pelo resto da vida”, disseram, “olhem para aquela corcunda, e aquelas pernas tortas”, e começaram a rir.

Porém o Anãozinho não sabia sobre nada disso. Ele gostava imensamente dos pássaros e das lagartixas, e julgava serem as flores as coisas mais belas do mundo inteiro, excetuando, naturalmente, a Infanta, pois ela havia lhe dado a linda rosa branca, e o amava, e isso fazia muita diferença. Como ele gostaria de estar com ela novamente! Ela o havia posto na mão direita, e sorrido para ele, por isso ele jamais sairia do lado dela, e a faria sua companheira, ensinando-lhe todo tipo de truques encantadores. Pois, apesar de ele nunca ter estado no palácio antes, conhecia uma grande porção de coisas maravilhosas. Ele sabia fazer gaiolas de junco para os gafanhotos cantarem dentro, e moldar a longa flauta de feixe de bambu que Pã adorava escutar. Ele conhecia o lamento de todos os pássaros, e podia chamar os estorninhos que estavam no topo das árvores, assim como as garças do lago. Conhecia o rastro de todos os animais, e podia seguir a lebre pelas delicadas pegadas, e também o javali, por meio das folhas pisoteadas. Todas as danças do campo ele sabia, a dança louca com indumentária vermelha do outono, a dança suave com sandálias azuis sobre o milho, a dança com grinaldas de neve branca no inverso, e a dança das floradas através do pomar, na primavera. Ele sabia onde os pombos do bosque construam seus ninhos, e certa vez quando um caçador de passarinhos capturou os pais dos filhotes, ele mesmo recolheu os jovens pássaros, construindo um pequeno pombal para eles no vão de um olmo podado. Eles foram completamente domesticados, e costumavam comer nas mãos do menino todas as manhãs. Ela iria gostar deles, e dos coelhos que corriam em disparada por perto, entre as longas samambaias, dos gaios com penas de aço e os bicos negros, dos ouriços que podiam enrolar-se formando uma bola de espinhos, das grandes e sábias tartarugas que rastejavam lentamente por perto, balançando as cabeças mordiscando as folhas jovens. Sim, ela deve certamente vir para a floresta brincar com ele. Ele lhe dará sua própria caminha, e vigiará do lado de fora da janela até o amanhecer, para ver se o gado selvagem de longos chifres não fará mal a ela, nem deixar que os lobos magros rastejem muito perto da cabana. E ao raiar do dia ele dará pancadinhas na janela para acordá-la, então eles poderão sair e dançar juntos durante o dia todo. Verdadeiramente, a floresta não era nem um pouquinho solitária. Às vezes atravessava um Bispo montado em sua mula branca, lendo um livro colorido. Às vezes, com gorros de veludo verde e jaquetas marrons de

couro de cervo, passavam os falcoeiros, com falcões encapuzados empoleirados nos pulsos. Na época da vindima chegavam lagareiros[10], com mãos e pés roxos, coroados com heras brilhantes, carregando odres gotejando vinho; os carvoeiros sentam-se ao redor dos imensos braseiros à noite, observando os troncos secos queimarem lentamente na fogueira, enquanto assam castanhas nas cinzas; e os ladrões saem das cavernas para divertirem-se com eles. Uma vez, inclusive, ele tinha visto uma bela procissão caminhando pela longa estrada tortuosa e poeirenta para Toledo. Os monges vinham na frente, cantando docemente, carregando bandeiras brilhantes e cruzeiros de ouro; a seguir, com armaduras prateadas, lanças e mosquetes, vinham os soldados, e no meio deles caminhavam três homens descalços, usando estranhos vestidos amarelos inteiramente pintados com figuras maravilhosas, levando velas acesas nas mãos. Certamente existia um grande número de coisas para se ver na floresta, e quanto ela estivesse cansada, ele encontraria um banco de musgo macio para ela, ou iria carregá-la nos braços, pois ele era muito forte, apesar de saber que não era muito alto. Ele faria para ela um colar de sementes vermelhas de briônia, que seria tão lindo quanto as sementes brancas que ela usava no vestido, e quando ela se cansasse delas, poderia jogá-las fora, e ele encontraria outras para ela. Ele traria para ela sementes em forma de copos e anêmonas molhadas de orvalho, e vagalumes pequeninhos para servirem de estrelas em seus cabelos de ouro pálido.

Mas onde estava ela? Ele perguntou à rosa branca, mas ela não lhe deu resposta. O palácio inteiro parecia adormecido, e mesmo onde as venezianas não haviam sido fechadas, pesadas cortinas tinham sido puxadas para conter a claridade. Ele vagou por toda parte procurando por algum lugar por onde pudesse entrar, e por fim ele avistou uma pequena porta particular que tinha ficado aberta. Ele deslizou por ela, e encontrou-se em um esplêndido saguão, muito mais esplêndida, ele temia, que a floresta, por toda parte tudo era muito mais dourado, e até o chão era feito de grandes pedras coloridas, encaixadas numa espécie de modelo geométrico. Mas a pequena Infanta não estava lá, havia apenas algumas maravilhosas estátuas brancas que o observavam de cima dos pedestais de jaspe, com olhos tristes e vazios, e lábios que sorriam de modo estanho.

E no fim do saguão pendia uma cortina de veludo negro ricamente bordada, salpicada de sóis e estrelas, as figuras favoritas do Rei, bordadas nas cores que ele mais amava. Talvez ela estivesse escondida atrás da cortina. Ele olharia, de qualquer forma.

Então ele avançou silenciosamente, e puxou a cortina. Não, havia apenas outra sala, ainda mais bela, ele pensou, que a outra que ele acabara de deixar. Nas paredes estavam penduradas tapeçarias de arrás feitas com agulhas, com muitos adornos em verde, representando uma caçada, obra de alguns artistas flamengos que levaram mais de sete anos em sua composição. Esse tinha sido o quarto de *Jean, le Fou*[11], como era chamado, o rei louco que era tão apaixonado por caçadas que sempre tentava, em seu delírio, montar os enormes cavalos empinados e arrastar o cervo sobre o qual os cães de caça estavam saltando, tocando sua trompa de caçador, apunhalando com a adaga o pálido cervo no ar. Agora era usada como sala do conselho, e na mesa do centro estavam as pastas vermelhas dos ministros, estampadas com as tulipas douradas da Espanha, com armas e emblemas da casa dos Habsburgo.

O Anãozinho olhou ao redor, maravilhado, e ficou meio temeroso em continuar. Os estranhos e silenciosos cavaleiros que galopavam tão velozmente através das clareiras sem fazer nenhum ruído pareciam, para ele, como aqueles terríveis fantasmas sobre quem ouvira os carvoeiros falarem, os Comprachos, que caçavam apenas à noite, e quando encontravam um homem, transformavam-no em cervo e o perseguiam. Mas ele pensou na bela Infanta, e tomou coragem. Ele queria encontrá-la sozinha, e dizer a ela que também a amava. Talvez ele estivesse na próxima sala.

Ele correu por entre os macios tapetes mouros, e abriu a porta. Não! Ela também não estava lá; a sala estava completamente vazia. Era a sala do trono, utilizada para receber embaixadores estrangeiros, quando o Rei consentia em dar-lhes uma audiência pessoal, o que, ultimamente, não fazia com frequência. A mesma sala em que, muitos anos antes, embaixadores ingleses foram recebidos para fazer os arranjos do casamento da rainha da Inglaterra, uma das soberanas católicas da Europa, com o filho mais velho do imperador. Suspensos, viam-se cortinados feitos de couro dourado de Córdoba; do teto branco e negro, pendia um pesado lustre dourado com braços para trezentas velas de cera. Em baixo de um grande pálio de tecido dourado, em que os leões e as torres de Castela estavam bordados com pérolas esparsas, estava o próprio trono, coberto com um rico manto de veludo negro crivado com tulipas de prata, cuidadosamente orlado com prata e pérolas. No segundo degrau do trono estava posicionado o tamborete em que a Infanta ajoelhava-se, com a almofada de tecido de prata, e mais abaixo, do lado de fora do dossel, ficava a cadeira do Núncio Papal, o único a ter permissão de sentar-se na presença do rei por ocasião de qualquer cerimônia pública, e, descansando sobre um tamborete em frente, encontrava-se o chapéu do Cardeal, entrelaçado com borlas escarlate. Na parede diante do trono estava pendurado o retrato, em tamanho natural, de Charles V, vestido com trajes de caça, tendo ao lado um grande mastim; e um quadro de Felipe II recebendo uma homenagem dos países baixos ocupava o centro da outra parede. Entre as janelas havia um armário de ébano negro, e dentro, pratos de marfim gravados com a *Dança da Morte*, de Holbein, obra, segundo diziam, do próprio mestre famoso.

Mas o Anãozinho não se preocupou nem um pouco com toda essa magnitude. Ele não daria sua rosa branca em troca de

todas as pérolas do dossel, nem trocaria uma única pétala pelo próprio trono. O que ele queria mesmo era ver a Infanta antes que ela descesse ao pavilhão, e convidá-la a partir com ele quando terminasse a dança. Ali, no palácio, o ar era pesado, claustrofóbico, mas na floresta o vento soprava livremente, e a luz do sol, com mãos douradas e errantes, afastava as folhas tremulantes. Havia flores na floresta também, não tão esplêndidas, talvez, como as flores do jardim, mas mais perfumadas que todas elas; jacintos no início da primavera que inundavam de ondas púrpura a ravina fresca e as gramíneas da colina; pequenos grupos primulas amarelas abrigadas em torno das ásperas raízes dos carvalhos; celdônias brilhantes e verônicas azuis, lírios lilases e dourados. Havia amentos acinzentados nas aveleiras, e as plantas dedaleiras inclinavam-se com o peso das células malhadas que as abelhas procuravam. A castanheira tinha espirais de estrelas brancas, e o espinheiro apresentava luas pálidas e belas. Sim, com certeza ele viria, se ele pudesse ao menos encontrá-la! Ela viria com ele à linda floresta, e durante o dia inteiro ele dançaria para agradá-la. Um sorriso iluminou seus olhos com esse pensamento, e então ele entrou no quarto seguinte. De todos os anteriores, esse era o mais brilhante e o mais bonito. As paredes eram cobertas com flores rosadas feitas de damasco de Lucca, desenhadas com pássaros e pontilhadas com delicados botões de prata; a mobília era de prata maciça, adornada com grinaldas e Cupidos dançantes. Em frente às duas lareiras enormes, havia grandes biombos bordados com papagaios e pavões, e o piso, feito de ônix verde-mar, parecia estender-se ao longe, perdendo-se na distância. Ma ele não estava sozinho. Parada à sombra da entrada, ao fundo, na extremidade da sala, ele avistou uma pequena figura que o observava. Seu coração tremeu, uma exclamação de júbilo rompeu dos lábios, e ele moveu-se na direção do sol. Junto com ele, a figura moveu-se também, e ele pôde vê-la claramente.

A Infanta! Não, era um monstro, o mais grotesco monstro que ele jamais vira. Não era moldado corretamente, como todas as outras pessoas o eram, era corcunda, com membros tortos, com uma cabeça imensa pendente e uma crina de cabelos negros. O Anãozinho franziu o cenho, e o monstro franziu também. Ele riu, e a figura riu com ele, e pôs as mãos na cintura, exatamente como ele estava fazendo. Ele curvou-se com zombaria, e a imagem retornou-lhe a pequena reverência. Ele aproximou-se, e a figura foi ao seu encontro, imitando cada passo que ele dava, e parando quando ele parou. Gritou com divertimento e correu adiante, estendendo-lhe a mão, e a mão do monstro tocou a sua, tão fria quanto gelo. Ele assustou-se, retirando a mão, e a mão do monstro seguiu o movimento, rapidamente. Tentou avançar, mas alguma coisa lisa e dura o impediu. Agora, a face do monstro estava próxima à sua, e parecia cheia de horror. Afastou os cabelos dos olhos, e a figura o imitou. Ele golpeou a imagem, e ela devolveu golpe por golpe. Aborreceu-se, e a figura fez-lhe caretas horrendas. Ele recuou, e a imagem retirou-se.

O que era aquilo? Pensou por um instante, e olhou ao redor da sala. Era estranho, mas tudo parecia estar duplicado naquela parede invisível de água clara. Sim, quadro por quadro, sofá por sofá, tudo estava repetido. O Fauno adormecido deitado na alcova junto à entrada tinha seu irmão gêmeo que dormia, e a Vênus de prata em pé sob os raios de sol estendia os braços para a Vênus tão adorável quanto ela.

Seria Eco? Ele chamara por ela certa vez no vale, e ele respondera-lhe palavra por palavra. Poderia ela enganar os olhos como enganava a voz? Poderia ela fazer uma imitação do mundo exatamente como o mundo real? Poderia a sombra das coisas possuir cores, vida e movimento? Poderia ser que...? Ele estremeceu, e tirando do peito a linda rosa branca, voltou-se e beijou-a. O monstro também possuía uma rosa, igual à dele pétala por pétala. Beijava-a com os mesmo beijos, e apertava-a contra o coração com gestos horríveis. Quando a verdade raiou sobre ele, deu um grito selvagem de desespero, e, chorando, caiu ao chão. Então era ele o corcunda malformado, grotesco e asqueroso de se ver. Ele próprio era o monstro, e era dele que todas as crianças tinham rido, e a Princesinha que ele julgara que o amava ela também estava simplesmente zombando da feiura, divertindo-se com os membros tortos. Por que não o deixaram na floresta, onde não havia espelho algum para dizer-lhe o quão repugnante ele era? Por que seu pai não o matara, em vez de vendê-lo para envergonhá-lo? Lágrimas quentes correram-lhe sobre a face, e ele dilacerou a rosa em pedaços. Escarrapachado, o monstro fez o mesmo, espalhando as lânguidas pétalas no ar. A imagem rastejou pelo chão, e, quando ele a fitou, ela olhou-o com a face inundada de sofrimento. Ele arrastou-se para longe, para que não pudesse vê-la, e cobriu os olhos com as mãos. Rastejou para as sombras como uma coisa ferida, e ficou caído lá, gemendo.

E naquele momento a própria Infanta veio com seus companheiros através da janela aberta, e quando viram o Anãozinho feio deitado no chão, golpeando o piso com as mãos apertadas, da maneira mais fantástica e exagerada, irromperam em gritos de risadas alegres, e ficaram em torno dele, em pé, observando-no.

“A dança dele foi engraçada”, disse a Infanta, “mas sua atuação é mais engraçada ainda. Na verdade, ele é quase tão bom quanto as marionetes, apenas, é claro, não tão completamente natural”. Ela abanou o grande leque, aplaudindo. Mas o Anãozinho jamais tornou a erguer os olhos, e os soluços ficaram cada vez mais fracos; repentinamente ele deu um suspiro estranho, apertando o lado do corpo. Então ele caiu novamente, jazendo completamente imóvel.

“Isso é de primeira qualidade!”, disse a Infanta, “mas agora você deve dançar para mim”.

“Sim”, exclamaram as crianças, “você deve levantar-se e dançar, pois você é tão esperto quanto os macacos da Barbária, e muito mais ridículo”. Mas o Anãozinho não respondeu.

A Infanta bateu com o pé no chão, chamando seu tio, que andava pelo terraço junto com o Camarista, lendo alguns despachos que acabavam de chegar do México, onde o Santo Ofício tinha sido estabelecido recentemente. “Meu Anãozinho engraçado está amuado”, ela exclamou, “você deve erguê-lo e dizer-lhe que dance para mim”. Eles sorriram um para o outro, e entraram devagar; Dom Pedro parou, abaixou-se e, com a luva bordada, deu um tapa na bochecha do Anão. “Você deve dançar”, disse ele, *petit monsire*. ¶ ¶ “Você deve dançar. A Infanta da Espanha e das Índias deseja que a divirtam”. Mas o Anãozinho jamais tornou a mover-se.

“Mande vir o mestre dos açoitamentos”, disse Dom Pedro, cansado, voltando para o terraço. Mas o Camarista olhou sério, ajoelhou-se ao lado do Anãozinho e pôs a mão sobre o coração. Depois de alguns minutos ele encolheu os ombros, levantou-se e, curvando-se longamente para a Infanta, disse: “*Mi bella Princesa*, seu Anãozinho jamais dançará novamente. É uma pena, pois ele é tão feio que poderia ter feito o Rei sorrir”.

“Mas por que ele não tornará a dançar?”, perguntou ela, rindo.

“Porque o coração dele partiu”, respondeu o Camarista.

A Infanta fez uma cara feia, e os delicados lábios rosados dobraram-se em gracioso desdém.

“No futuro, que aqueles que vierem brincar comigo não tenham coração”, ela exclamou, e correu para o jardim.

Para H.S.H. Alice, Princesa de Mônaco

Todo o entardecer o jovem Pescador ia para o mar e arremessava a rede na água. Quando o vento soprava vindo da terra, ele não apanhava nada, ou muito pouco, no máximo, pois era um vento cortante, de asas negras, e ondas encrespadas erguiam-se para recebê-lo. Mas quando o vento soprava para a costa, os peixes vinham do fundo, nadando para as malhas da rede; então ele os levava para o mercado e os vendia.

Todo o entardecer ele ia para o mar, e certa tarde, a rede estava tão pesada que ele quase não conseguiu puxá-la para dentro do barco. Ele riu, e disse a si mesmo: “Certamente eu peguei todos os peixes que nadam, ou capturei algum monstro sombrio que deve maravilhar os homens, ou alguma coisa de horror que a grande Rainha desejará”, e empregando toda a sua força, ele arrastou as cordas toscas até que, como linhas de esmalte azul em torno de um vaso de bronze, veias compridas emergissem em seus braços. Puxou as finas cordas, e aproximando-se mais e mais veio o círculo de cortiça lisa, e por fim a rede surgiu fora da água.

Mas não havia nenhum peixe nela, nenhum monstro ou coisa de horror, apenas a pequena Sereia jazia profundamente adormecida. Seus cabelos eram como lã de ouro molhada, e cada fio separado era como uma linha de fino ouro numa taça de cristal. O corpo era como o branco marfim, e a cauda era de prata de pérolas. De prata e pérolas era sua cauda, e algas marinhas enrolavam-se ao redor; suas orelhas eram como conchas do mar, e os lábios eram como corais. Ondas frias batiam sobre os seios enregelados, e o sal brilhava sobre as pálpebras.

Tão linda ela era que quando o jovem pescador a viu, encheu-se de admiração; ele estendeu as mãos e puxou a rede para perto de si, e inclinando-se sobre a borda, agarrou-a nos braços. Quando ele a tocou, ela soltou um grito como uma gaiivota assustada, ergueu-se e olhou para ele aterrorizada, com seus olhos de malva ametista, lutando para conseguir escapar. Mas ele a segurou firmemente contra si, não permitindo que ela partisse.

Quando ela viu que não poderia de forma alguma escapar dele, começou a lamentar-se, dizendo: “Eu rogo a ti que me deixes partir, pois sou a filha única do Rei, e meu pai é idoso e sozinho”. Mas o jovem Pescador respondeu: “Não permitirei que partas a menos que prometas que quando quer que eu te chame, virás e cantarás para mim, para que os peixes deliciem-se em ouvir a música do povo do mar, e então minhas redes estarão sempre repletas”.

“Tu verdadeiramente me deixarás partir se eu te prometer isso?”, exclamou a Sereia. “Verdadeiramente eu te deixarei partir”, disse o jovem Pescador. Então ela lhe fez a promessa desejada, e jurou pelo juramento do povo do mar. Ele afrouxou os braços ao redor dela, e a Sereia mergulhou na água, tremendo com um medo estranho. Todo o entardecer o jovem Pescador ia para mar, e chamava pela Sereia; ela surgia da e cantava para ele. Ao redor dela, continuamente, nadavam os golfinhos, e as gaiivotas selvagens faziam círculos sobre sua cabeça.

Ela cantava uma música maravilhosa. Pois cantava sobre o povo do mar que conduzia os rebanhos de caverna em caverna, carregando os pequenos bezerros nos ombros; sobre os Tritões que tinha longas barbas verdes e peitos peludos, e sopravam em conchas retorcidas quando passava o Rei; sobre o palácio do Rei que era todo feito de âmbar, com o telhado de esmeraldas claras e uma calçada de pérolas brilhantes. Cantava sobre os jardins do mar onde grandes leques filigranados de coral ondeavam o dia todo, e os peixes arremessavam-se sobre eles como pássaros de prata; sobre anêmonas agarradas às rochas, e os cravos brotavam na estriada areia amarela.

Ela cantava sobre as grandes baleias que vinham dos mares do norte trazendo pingentes de gelo pontiagudos pendurados nas barbatanas; sobre as Sereias que contam coisas tão maravilhosas que os mercadores têm que tapar os ouvidos com cera, pois não devem ouvi-las, ou pularão na água e se afogarão; sobre as galeras de altos mastros afundadas, com marinheiros congelados agarrados aos cordames e as cavalas nadando, entrando e saindo pelas portinholas abertas. Sobre as pequenas cracas, que são grandes viajantes, pois se agarram na quilha dos navios e dão voltas e mais voltas pelo mundo; sobre os chocos que vivem nos lados dos rochedos, estirando os longos braços negros, e podem fazer vir a noite quando desejarem. Ela cantou sobre o náutilo, que tem um barco próprio, entalhado numa opala, guiado por uma vela sedosa; sobre o feliz Tritão que toca harpas e pode enfeitiçar o grande Kraken para que durma; sobre as criancinhas que capturam e seguram as escorregadias toninhas e montam, rindo, em suas costas; sobre as Sereias que ficam nas espumas brancas e, com seus braços, envolvem os marinheiros; sobre os leões do mar e suas presas curvas; e sobre os cavalos-do-mar e suas crinas flutuantes.

E enquanto ela cantava, todos os atuns subiam do fundo para ouvi-la, e o jovem Pescador arremessava a rede em torno

deles e os capturava, outros ele pegava com um arpão. Quando o barco estava bem carregado, a Sereia mergulhava de volta no mar, sorrindo para ele. Contudo, ela nunca se aproximou a ponto dele poder tocá-la. Frequentemente ele a chamava e suplicava-se, mas ela não queria; e quando ele procurava agarrá-la, ela mergulhava na água como uma foca, e, naquele dia, ele não a via mais. E a cada dia o som da voz dela tornava-se mais doce para seus ouvidos. Tão doce era a voz dela que ele esqueceu as redes e a astúcia, não se importando mais com seu ofício. De barbatanas avermelhadas e olhos dourados salientes, os atuns vinham em cardumes, mas ele não lhes dava atenção. O arpão jazia a seu lado, inútil, e os cestos de vime trançado estavam vazios. Com os lábios entreabertos e os olhos vagos de admiração, ele sentava-se ocioso em seu barco e escutava, escutava, até que as brumas do mar o envolvessem e a lua errante tingisse de prata os braços bronzeados.

E em um entardecer ela chamou por ela, dizendo: “Pequena Sereia, pequena Sereia, eu a amo. Tome-me por teu noivo, pois eu a amo”. Mas a Sereia meneou a cabeça. “Tens uma alma humana”, respondeu ela. “Somente se mandasses embora tua alma, então, eu poderia amar-te”. E o jovem Pescador disse a si mesmo: “De que me serve esta alma? Eu não posso vê-la. Eu não posso tocá-la. Eu não a conheço. Certamente eu a mandarei embora e isso me trará muita alegria”. Então uma exclamação de contentamento irrompeu de seus lábios, e pondo-se em pé no barco pintado, estendeu os braços para a Sereia. “Mandarei minh’alma embora”, exclamou, “serás minha noiva, eu serei teu noivo, e nas profundezas do mar moraremos juntos; e tudo aquilo sobre o que cantaste, tu me mostrarás; e tudo o que desejares, eu o farei; e nossas vidas não poderão ser separadas”. E a pequena Sereia riu de prazer, escondendo o rosto entre as mãos.

“Mas como poderei mandar embora minh’alma?”, clamou o jovem Pescador. “Diga-me como poderei fazê-lo, e veja como eu o farei!”. “Ah! Eu não sei”, disse a pequena Sereia: “O povo do mar não tem alma”. E mergulhou para o fundo, olhando para ele melancolicamente.

Logo cedo na manhã seguinte, antes do sol estar a um palmo acima da colina, o jovem Pescador foi à casa do Padre e bateu três vezes à porta. O noviço olhou para fora através do postigo, e quando viu quem era, puxou o trinco para trás, dizendo: “Entre”. O jovem Pescador entrou, ajoelhou-se no piso feito de junco docemente perfumado, e lamentou-se para o Padre, que lia a Bíblia Sagrada, dizendo: “Padre, estou apaixonado por alguém do povo do mar, e minh’alma me impede de realizar meu desejo. Diga-me como posso expulsar de mim essa alma, pois na verdade eu não preciso dela. De que me vale a alma? Não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço”.

O Padre bateu no peito, respondendo: “Ai de mim! Ai de mim! Tu és louco ou comeste alguma erva venenosa, pois a alma é a parte mais nobre de um homem, e nos foi dada por Deus para que a usemos nobremente. Não há nada mais precioso que a alma humana, nem nada sobre a Terra que possa comparar-se a ela. É mais valiosa que todo o ouro do mundo, mais preciosa que os rubis dos reis. Por essa razão, meu filho, não pense mais nesse assunto, pois é um pecado que não pode ser perdoado. E quanto ao povo do mar, estão perdidos, e aqueles que se envolverem com eles estão perdidos também. Eles são como os animais do campo que não distinguem entre o bem e o mal, e não foi por eles que nosso Senhor morreu”.

Os olhos do jovem Pescador encheram-se de lágrimas quando ele ouviu as palavras amargas do Padre; ele ergueu-se dos joelhos e disse-lhe: “Padre, os Faunos vivem na floresta e são felizes, e nas pedras sentam-se os Tritões com harpas de ouro vermelho. Deixe-me ser como eles são, eu vos rogo, pois os dias para eles são floridos. E quanto à minha alma, que benefício ela me traz, pois se coloca entre mim a aquilo que amo?”.

“O amor do corpo é vil”, exclamou o Padre, franzindo as sobrancelhas, “e vis e malignas são as coisas pagãs que Deus tolera que vaguem por Seu mundo. Amaldiçoados são os Faunos da floresta, e amaldiçoados são os cantores do mar! Eu os tenho ouvido à noite, eles têm buscado me seduzir, desviando-me do rosário. Dão pancadinhas na janela, e riem. Sussurram em meus ouvidos contos de suas alegrias perigosas. Tentam-me com tentações, e quando devo rezar, fazem caretas para mim. Estão perdidos, eu te digo, estão perdidos. Para eles não há paraíso nem inferno, e em nada eles exaltam o nome de Deus”.

“Padre”, clamou o jovem Pescador, “tu não sabes o que dizes. Certa vez eu capturei em minha rede a filha de um Rei. É mais bela que a estrela da manhã, mais branca que a lua. Por seu corpo eu daria minh’alma, e por seu amor eu entregaria o Céu. Diga-me o que te pergunto, e deixe-me ir em paz”.

“Para trás! Para trás!” exclamou o padre: “tua amante está perdida e tu te perderás com ela!”. Ele não o abençoou, e o conduziu pela porta.

O jovem Pescador dirigiu-se até o mercado, caminhando lentamente, de cabeça baixa, como alguém entristecido. Quando os mercadores viram-no se aproximar, cochicharam uns com os outros, e um deles veio adiante para encontrá-lo, chamando-o pelo nome, dizendo-lhe: “Que tens para vender?”.

“Eu te venderei minh’alma”, respondeu. “Rogo-te que a compre de mim, pois estou cansado dela. De que me vale a alma? Não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço”.

Mas os mercadores riram-se dele, dizendo: “De que serve a alma de um homem para nós? Não vale uma moeda de

prata. Venda-nos teu corpo como escravo; nós o vestiremos de roxo-marinho, poremos um anel em teu dedo e te faremos o favorito da grande Rainha. Mas não venha falar de alma, pois para nós isso é nada, não tem nenhum valor para nosso trabalho”.

O jovem Pescador disse a si mesmo: “Que coisa mais estranha! O Padre disse-me que a alma é mais valiosa que todo o ouro do mundo e os mercadores dizem que não vale uma moeda de prata”. Atravessou o mercado, descendo até a encosta do mar, e começou a refletir sobre o que deveria fazer. À noite ele lembrou-se que um de seus companheiros, um colhedor de funchos marítimos, havia lhe contado sobre determinada Feiticeira que vivia numa caverna no topo da baía e era muito hábil em bruxarias. Ele pôs-se a correr, de tão ansioso que estava por livrar-se de sua alma, e uma nuvem de poeira o acompanhava enquanto corria pela areia da praia. Pela coceira na palma da mão, a jovem Bruxa soube que ele estava vindo, e, rindo, soltou os cabelos vermelhos. Com os rubros cabelos descendo à sua volta, postou-se na abertura da caverna, trazendo na mão um ramo em flor de cicuta selvagem.

“De que precisas? De que precisas?”, ela exclamou, enquanto ele vinha ofegante pela encosta íngreme, inclinando-se diante dela. “Peixes para a tua rede, quando o vento está cortante? Tenho uma flautinha de bambu e quando eu a sopro, as tainhas vêm nadando até a baía. Mas isso tem um preço, menino bonito, tem um preço. De que precisas? De que precisas? Uma tempestade para destruir os navios, arrastando arcas com ricos tesouros para a beira da praia? Tenho mais tempestades que o próprio vento, pois sirvo a alguém que é mais forte que o vento, e com uma peneira e um balde d’água posso mandar as grandes galeras para as profundezas do mar. Mas eu tenho um preço, menino bonito, tenho um preço. De que precisas? De que precisas? Conheço uma flor que nasce na colina, ninguém a conhece além de mim. Tem folhas púrpuras, uma estrela no coração, e o suco é branco como leite. Se tu tocares com essa flor os lábios severos da Rainha, ela te seguirá por todo o mundo. Da cama do Rei ela se levantará, e por todo o mundo te seguirá. E isso tem um preço, menino bonito, tem um preço. De que precisas? De que precisas? Posso moer um sapo num almofariz, fazer um caldo com ele, e mexer o caldo com a mão de um morto. Borrife isso em teu inimigo enquanto ele dorme, ele se transformará numa serpente negra e a própria mãe o matará. Com uma roda posso puxar a Lua do firmamento, e num cristal posso te mostrar a Morte. De que precisas? De que precisas? Conte-me teu desejo, e eu te darei o que queres, e tu pagarás meu preço, menino bonito, tu pagarás meu preço”.

“Meu desejo não é nada além de uma pequenina coisa”, disse o jovem Pescador, “apesar do Padre ter se aborrecido comigo, e me posto para fora. Não é nada além de uma pequenina coisa, mas os mercadores zombaram de mim, e me rejeitaram. Portanto eu vim até vós, ainda que os homens te chamem de maligna, e qualquer que seja teu preço, eu pagarei”.

“O que desejas?”, perguntou a Feiticeira, aproximando-se dele.

“Desejo mandar embora minh’alma”, respondeu o jovem Pescador.

A Feiticeira tornou-se pálida e estremeceu, cobrindo o rosto com seu manto azul. “Menino bonito, menino bonito”, murmurou, “é uma coisa terrível de se fazer”.

Ele agitou os cachos castanhos, rindo. “Minh’alma não é nada para mim”, respondeu. Não posso vê-la. Não posso tocá-la. Não a conheço.

“Que me darás se eu te disser?”, perguntou a Feiticeira, mirando-o com seus belos olhos.

“Cinco moedas de ouro”, disse ele, “minhas redes, a casa de bambu em que vivo e o barco pintado em que navego. Apenas me diga como me libertar de minh’alma, e te darei tudo o quanto possuo”.

Ela riu, zombando dele, e bateu-lhe com o ramo de cicuta. “Posso tornar as folhas do outono em ouro”, respondeu, “e posso transformar em prata os pálidos raios da lua se desejar. Aquele a quem sirvo é mais rico que todos os reis do mundo, e a ele pertencem os domínios dos reis”.

“O que então devo te dar?”, lamentou, “se teu preço não é ouro ou prata?”.

A Feiticeira acariciou os cabelos com as mãos brancas e delicadas. “Tu dever dançar comigo, menino bonito”, murmurou, sorrindo para ele enquanto falava.

“Nada além disso?”, exclamou o jovem Pescador maravilhado, erguendo-se em pé.

“Nada além disso”, respondeu, sorrindo para ele novamente.

“Então ao pôr do sol em algum lugar secreto nós dançaremos juntos”, disse ele, “e depois de termos dançado tu me dirás aquilo que desejo saber”.

Ela balançou a cabeça. “Quando a lua estiver cheia, quando a lua estiver cheia”, ela murmurou. Então ela perscrutou em torno, procurando ouvir. Um pássaro azul levantou-se gritando do ninho e voou em círculos sobre as dunas; três pássaros malhados agitaram-se em meio à espessa grama cinza, assobiando um para o outro. Não havia nenhum outro som além do barulho das ondas roçando os seixos macios lá embaixo. Assim, ela estendeu a mão, puxando-o para perto dela, encostando os

lábios secos em seus ouvidos.

“Esta noite tu deverás vir ao topo da montanha”, sussurrou, “é um Sabá, e Ele estará lá”.

O jovem Pescador parou e olhou-a; ela mostrou-lhe os dentes brancos, e riu. “Quem é Ele de quem tu falas?”, perguntou.

“Não importa”, respondeu. “Tu irás esta noite, ficarás sob os ramos da faia e esperarás pela minha vinda. Se um cão negro correr perto de ti, acerta-o com uma vara de salgueiro e ele irá embora. Se uma coruja falar contigo, não lhe dês resposta. Quando a lua estiver cheia eu estarei contigo, e dançaremos juntos sobre a relva”.

“Mas juras que me dirás como poderei mandar embora minh'alma?”, questionou.

Ela moveu-se em direção à luz do sol, e o vento ondulou entre os cabelos vermelhos. “Pelos patas do bode, eu juro”, respondeu.

“Tu és a melhor das feiticeiras”, exclamou o jovem Pescador, “e certamente dançarei contigo esta noite no topo da montanha. Na verdade, preferia que tu me pedisses ouro ou prata. Porém esse é teu preço e o terás, e não é nada além de uma pequenina coisa”. Ele tirou o chapéu para ela, inclinando a cabeça, e correu de volta para a cidade pleno de grande contentamento.

A Feiticeira o observava enquanto ele partia, e quando o perdeu de vista, entrou na caverna; tendo retirado um espelho de uma caixa entalhada em madeira de cedro, colocou-o em uma armação, queimando verbena diante dele, sobre carvão aceso, perscrutando por entre as espirais de fumaça. Depois de algum tempo, apertou as mãos com raiva. “Ele deveria ter sido meu”, murmurou, “Sou mais formosa do que ela”.

Ao anoitecer, quando a estava alta, o jovem Pescador escalou até o topo da montanha, e esperou sob os ramos da faia. Como um escudo de metal polido em volta o mar estendia-se a seus pés e a sombra dos barcos de pesca moviam-se na pequena baía. Uma grande coruja, com olhos amarelos sulfurosos, chamou-o pelo nome, mas ele não deu resposta. Um cachorro negro correu para ele, rosnando. Ele o golpeou com uma vara de salgueiro, e o cão foi embora ganindo.

À meia-noite as bruxas chegaram voando pelos ares, como morcegos. “Ufa!”, exclamavam assim que tocavam os chão, “há alguém aqui que nós não conhecemos!”, e farejavam ao redor, tagarelando umas com as outras, fazendo sinais. Por fim chegou a jovem Feiticeira, com os cabelos vermelhos voando ao vento. Trajava um vestido de tecido dourado bordado com olhos de pavão, trazendo na cabeça um pequeno capuz de veludo verde.

“Onde está ele? Onde está ele?”, gritaram as bruxas quando a viram, mas ele apenas riu, correu para a faia e, trazendo o Pescador pela mão, conduziu-o até os raios da lua, e começaram a dançar.

Em voltas e mais voltas eles rodopiaram, e a jovem Feiticeira saltou tão alto que ele pôde ver-lhe os saltos escarlates dos sapatos. Então, diretamente do outro lado dos dançarinos, veio o som do galopar de um cavalo, mas na se via nenhum cavalo, e ele sentiu medo.

“Mais rápido”, exclamou a Feiticeira, atirando os braços em torno do pescoço dele, exalando o hálito quente sobre seu rosto. “Mais rápido, mais rápido!”, clamou ela, e a terra parecia girar sob os pés dele, a mente ficou perturbada e grande horror caiu sobre ele, como se algo maligno o estivesse observando; por fim, tomou consciência de que sob a sombra de uma pedra havia um vulto que não estava ali antes.

Era um homem vestindo um terno de veludo negro, cortado à moda da Espanha. A face era estranhamente pálida, mas os lábios eram como a soberba rosa vermelha. Parecia cansado, e estava encostado brincando distraidamente com o punho da adaga. Na relva, a seu lado, havia um chapéu emplumado, luvas para montaria com manopla de cordões dourados, com pérolas semeadas forjando um desenho curioso. Um manto curto forrado com pele de marta pendia dos ombros e as mãos brancas e delicadas estavam adornadas com anéis. Sobre os olhos, caíam pesadas pálpebras.

O jovem Pescador o observava como alguém preso a um encantamento. Por fim os olhares se encontraram e onde quer que ele dançasse parecia-lhe que os olhos do homem estavam sobre ele. Ele ouviu a Feiticeira rir, e, tomando-a pela cintura, rodopiou loucamente dando voltas e mais voltas.

De repente um cão ladrou na floresta; os dançarinos pararam e subindo aos pares, ajoelharam-se, beijando a mão do homem. Enquanto o faziam, um pequeno sorriso tocou os lábios orgulhosos, como as asas dos pássaros tocam a água, fazendo-na rir. Mas havia desdém em seu sorriso, e ele manteve-se olhando para o jovem Pescador.

“Venha! Vamos venerá-lo”, sussurrou a Feiticeira, conduzindo-o para cima, e um grande desejo de atender-lhe às súplicas apoderou-se dele, então ele a seguiu. Mas quando se aproximou, instintivamente fez sobre o peito o sinal da Cruz, chamando pelo santo nome.

Tão logo o havia feito, as bruxas gritaram como falcões e voaram para longe e a face pálida que tinha estado o

observando contorceu-se com um espasmo de dor. O homem entrou em um pequeno bosque e assobiou. Um ginete com arreios de prata veio correndo ao seu encontro. Assim que saltou sobre a cela, virou e olhou melancolicamente para o jovem Pescador.

A Feiticeira de cabelos vermelhos também tentou voar para longe, Mas o jovem Pescador agarrou-a pelos pulsos, segurando-a rapidamente.

“Solte-me”, ela clamou, “deixe-me ir. Pois tu invocaste aquele que não pode ser invocado, e fizeste o sinal que não pode ser mirado”.

“Não”, respondeu ele, “não te deixarei partir até que me reveles o segredo”.

“Que segredo?”, disse a Feiticeira, brigando como um gato selvagem, mordendo os próprios lábios, manchados de espuma.

“Tu sabes”, respondeu ele.

Os olhos verdes claros escureceram-se de lágrimas, e ela disse ao Pescador: “Peça-me tudo, menos isso!”.

Ele riu, e a segurou com mais força.

Quando ela viu que não poderia libertar-se, sussurrou para ele: “Com certeza sou tão bela quanto as filhas do mar e tão graciosa quanto aquelas que moram nas águas azuis”, e olhou-o afetuosamente, aproximando o rosto.

Porém ele a empurrou para trás, aborrecido, dizendo-lhe: “Se não mantiveres a promessa que me fizeste eu a matarei como uma falsa bruxa”.

Ela entristeceu, tornando-se cinza como uma flor da árvore de Judas, e estremeceu. “Assim seja”, murmurou. “É tua alma e não a minha. Faça o que desejares”. Então, tirou da cinta uma pequena faca com cabo de pele serpente verde e entregou a ele.

“De que isso me serve?”, perguntou, curioso.

Ela permaneceu em silêncio por alguns minutos, e sua face cobriu-se de horror. Então, afastando os cabelos da frente, sorrindo estranhamente, disse-lhe: “Aquilo que os homens chamam de sombra do corpo não é a sombra do corpo, é o corpo da alma. Fique em pé na enseada, de costas para a lua, e corte rente aos pés tua sombra, que é corpo de tua alma, e permita que tua alma o deixes, e ela o fará”.

O jovem Pescador estremeceu: “Isso é verdade?”, murmurou.

“Isso é verdade e eu preferia não ter contado a ti”, ela lamentou, agarrando-se aos prantos nos joelhos dele.

Ele a afastou de si, deixando-a na relva espessa; indo até a extremidade da montanha, colocou a faca no cinto e começou a descer.

A Alma que estava com ele o chamou e disse: “Olha! Tenho morado contigo por todos esses anos, e tenho sido sua serva. Não me mandes para longe agora, pois que mal tenho feito a ti?”.

O jovem Pescador riu. “Tu não me fizeste nenhum mal, mas não preciso de ti”, respondeu. “O mundo é vasto, e há também o Paraíso, e o Inferno, e aquela casa escura e crepuscular que fica entre os dois. Vá para onde quiseres, mas não me aborreças mais, pois meu amor chama por mim”.

A Alma implorou-lhe piedosamente, mas ele não a atendeu, saltando de rochedo em rochedo com a segurança de uma cabra selvagem, até alcançar o nível do solo e a areia amarela do mar.

De membros bronzeados e bem formados como uma estátua forjada por um grego, ele postou-se na areia de costas para a lua; da espuma saíam braços alvos que acenavam para ele, e das ondas erguiam-se formas escuras que lhe prestavam homenagem. Diante dele estendia-se sua sombra, que era o corpo de sua alma, e atrás a lua estava suspensa no ar cor de mel.

E sua alma disse-lhe: “Se precisas mesmo conduzir-me para fora de ti, não me mandes embora sem um coração. O mundo é cruel, dê-me teu coração para que eu o leve comigo”.

Ele meneou a cabeça e sorriu. “Com quê amarei meu amor se der a ti meu coração?”, exclamou.

“Não poderias... mas sê misericordioso”, disse a Alma: “dê-me teu coração, pois o mundo é muito cruel, e estou com medo”.

“Meu coração é de meu amor”, respondeu, “portanto não demores mais, vai-te embora”.

“Eu não deveria amar também?”, perguntou a Alma.

“Vai-te embora, pois não preciso de ti”, clamou o jovem Pescador, e pegou a pequena faca com cabo de pele de serpente verde, cortando sua sombra em torno dos pés; ela ergueu-se e postou-se diante dele, fitando-o, e era idêntica a ele.

Ele deslizou para trás e empurrou a faca para dentro do cinto, e um sentimento de terror caiu sobre ele. “Vai-te embora”, murmurou, “e nunca mais me deixes ver tua face”.

“Não, nós devemos nos encontrar novamente”, disse a Alma. Sua voz era baixa, soando como uma flauta, e seus lábios quase não se moviam enquanto falava.

“Como nos encontraremos?”, exclamou o jovem Pescador. “Se tu não me seguirá nas profundezas do oceano?”.

“Uma vez, todos os anos, eu virei a este lugar e chamarei por ti”, disse a Alma, “pode ser que tu precisas de mim”.

“Por que precisaria de ti?”, clamou o jovem Pescador, “mas que seja como tu desejas”. Ele mergulhou nas águas e os Tritões sopraram as trompas; a pequena Sereia ergueu-se para recebê-lo e, envolvendo o pescoço dele com os braços, beijou-o nos lábios.

A Alma permaneceu na praia solitária, observando-os. E quando eles submergiram no fundo do mar, ela seguiu pelos pântanos, lamentando-se.

Depois de passado um ano a Alma voltou para a enseada e chamou pelo jovem Pescador, ele ergueu-se das profundezas e disse: “Por que tu me chamaste?”.

E a Alma respondeu: “Chegue mais perto para que eu possa falar contigo, pois tenho visto coisas maravilhosas”.

Então ele chegou mais perto, e reclinando-se sobre a água rasa, apoiou a cabeça nas mãos e escutou.

Então a Alma lhe disse: “Quando te deixei, voltei meu rosto para o Oriente e segui viagem. Do Oriente vem tudo o quanto é sábio. Por seis dias eu viajei, e na manhã do sétimo dia, cheguei a uma colina que fica no país dos tártaros. Eu me sentei à sombra de uma árvore de tamarisco para me abrigar do sol. A terra estava seca e queimava com o calor. Na planície, pessoas iam de um lado para outro como moscas rastejando sobre um disco de cobre polido”.

“Ao meio-dia, uma nuvem de poeira vermelha ergueu-se do horizonte. Quando os tártaros viram isso, enfileiraram os arcos pintados, e tendo saltado sobre seus pequenos cavalos, galoparam ao encontro dela. As mulheres fugiram gritando para as carroças, escondendo-se atrás das cortinas de feltro”.

“No crepúsculo os tártaros retornaram, mas faltavam cinco deles e dos que voltaram não poucos estavam feridos. Eles arrearam os cavalos às carroças e partiram rapidamente. Três chacais saíram de uma caverna e os sondaram. Então eles farejaram o ar com as narinas e trotaram na direção oposta”.

“Quando a lua se ergueu vi a fogueira de um acampamento ardendo na planície e fui em sua direção. Um grupo de mercadores estava sentado em torno em seus tapetes. Seus camelos estavam presos atrás deles e os servos negros armavam tendas de pele curtida sobre a areia, erguendo um muro alto de opúncia espinhosa”.

“Tão logo me aproximei deles, o chefe dos mercadores levantou-se e puxou a espada, perguntando minha ocupação”.

“Respondi que era um príncipe em minha terra, e que havia escapado dos tártaros, que haviam tentado fazer-me escravo deles. O chefe sorriu, mostrando-me cinco cabeças fixadas em uma longa vara de bambu”.

“Então ele me perguntou quem era o profeta de Deus, e eu respondi Mohammed[1]”.

“Ao ouvir o nome de seu profeta, ele curvou-se e me pegou pela mão, colocando-me a seu lado. Um negro trouxe-me um pouco de leite de égua em um prato de madeira, e um pedaço de carne de carneiro assada”.

“Ao amanhecer nós começamos nossa jornada. Eu montei em um camelo de pelos vermelhos ao lado do chefe, e um corredor seguiu à nossa frente levando uma lança. Os guerreiros iam dos dois lados e as mulas seguiam com as mercadorias. Havia quarenta camelos na caravana e as mulas contavam os dobro disso”.

“Nós saímos da terra dos tártaros para a terra dos que amaldiçoam a Lua. Vimos os Grifos guardando seu ouro sobre rochedos brancos, e Dragões escamosos dormindo nas cavernas. Enquanto passávamos por sobre as montanhas, seguramos nossa respiração para que a neve não caísse sobre nós, e cada homem amarrou um véu de gaze na frente dos olhos. Ao passarmos através dos vales, pigmeus atiraram setas dos buracos das árvores e à noite ouvimos selvagens batendo em seus tambores. Quando chegamos à Torre dos Macacos, pusemos frutas em frente deles e eles não nos feriram. Ao chegarmos à Torre das Serpentes, demos a elas leite morno em tigelas de bronze e nos deixaram passar. Por três vezes em nossa viagem nós fomos à margem do Oxus. Nós o cruzamos em jangadas de madeira que tinham por baixo grandes bexigas cheias de ar. Os hipopótamos se enfureceram conosco e tentaram nos matar. Os camelos tremeram quando os viram”.

“Os reis de cada cidade cobravam pedágio de nós, mas não nos permitiam entrar nos portões. Atiravam-nos pães por sobre os muros, pequenos bolos de trigo cozido com mel e bolos de farinha refinada recheados com tâmaras. Para cada cem cestos nós lhes dávamos uma conta de âmbar”.

“Quando os moradores das vilas nos viam chegar, envenenavam os poços e fugiam para o topo da colina. Lutamos com

os magadenses, que já nasciam velhos, rejuvenescendo mais e mais todos os anos, morrendo quando se tornavam criancinhas; e com os lactros, que se dizem filhos dos tigres e pintam-se de amarelo e preto. Lutamos com os aurantes, que enterram seus mortos no topo das árvores, vivendo em cavernas escuras para que o Sol, que é o deus deles, não os mate; e com os krimnianos, que adoram um crocodilo, dão a ele brincos de cristal verde e os alimentam com manteiga e aves frescas. E com os agazombanos, que têm cara de cachorro; com os sibanos, que têm pés de cavalo e correm mais depressa que cavalos. Um terço de nosso grupo morreu em combate e outro terço pereceu devido às privações. O restante cochichava sobre mim, dizendo que eu trouxera má sorte. De baixo de uma pedra, peguei uma víbora com chifres e deixei que me picasse. Quando viram que eu não passava mal, amedrontaram-se”.

“No quarto mês nós alcançamos a cidade de Illel. Era noite quando chegamos ao arvoredo que fica fora dos muros. O ar estava abafado pois a Lua transitava em Escorpião. Colhemos romãs maduras das árvores, quebramos e bebemos o doce suco. Então deitamos em nossos tapetes e esperamos pelo amanhecer”.

“Ao raiar do dia nós nos levantamos e batemos no portão da cidade, forjado em bronze vermelho e entalhado com dragões do mar alados. Guardas olharam para baixo de dentro das ameias, perguntando qual era o assunto. O intérprete da caravana respondeu que havíamos vindo da ilha de Síria com muitas mercadorias. Eles tomaram alguns como refêns e disseram-nos que abririam o portão ao meio-dia, permitindo que esperássemos até lá”.

“Quando foi meio-dia eles abriram o portão e assim que entramos as pessoas saíram das casas aos montes para nos ver enquanto um pregoeiro circulava a cidade berrando através de uma concha. Nós permanecemos na praça do mercado e os negros desamarraram os fardos de roupas desenhadas e abriram os baús de plátano entalhados. Quando terminaram a tarefa, os mercadores exibiram os estranhos produtos: linho encerado do Egito e linho tingido do país dos etíopes, esponjas púrpura de Tiro e tapeçarias azuis de Sídon, cálices de âmbar frio, finos vasos de cristal e curiosos vasos de cerâmica queimada. Do telhado de uma casa um grupo de mulheres nos observava. Uma delas usava uma máscara de couro dourado”.

“No primeiro dia vieram os sacerdotes negociar conosco, no segundo dia vieram os nobres e no terceiro dia, os artesãos e os escravos. Esse é o costume para com todos os comerciantes durante o tempo em que permanecerem na cidade”.

“Nós permanecemos por uma lua e quando a lua ficou minguate eu me cansei e perambulei pelas ruas da cidade até chegar ao jardim do deus deles. Sacerdotes em túnicas amarelas moviam-se silenciosamente por entre as árvores verdes e sobre uma calçada de mármore negro ficava a casa vermelho-rosa em que o deus fazia sua morada. As portas eram revestidas de verniz e touros e pavões de ouro polido estavam esculpidos em relevo. O teto inclinado era de porcelana verde-mar e as bordas ressaltadas traziam grinaldas com sinos pequeninos. Quando as pombas brancas passavam voando, tocavam os sinos com suas asas fazendo-o tilintar”.

“Na frente do templo havia uma piscina de águas claras pavimentada com ônix raiado. Deitei-me ao lado e com meus dedos pálidos, toquei as folhas largas. Um dos sacerdotes veio em minha direção e ficou a meu lado. Trazia sandálias nos pés, uma de pele de cobra macia e outra de plumas de pássaros. Em sua cabeça havia uma mitra de feltro negro decorada com luas crescentes prateadas. Sete crescentes amarelos estavam tecidos em sua túnica e seu cabelo crespo estava tingido com antimônio”.

“Depois de pouco tempo ele falou comigo, perguntando o que eu desejava”.

“Eu disse a ele que meu desejo era ver o deus”.

“O deus está caçando, disse o sacerdote, olhando estranhamente para mim com seus pequenos olhos oblíquos”.

“Diga-me em que floresta, e eu cavalgarei com ele, respondi”.

“Ele penteou as franjas macias de sua túnica com as unhas compridas e pontiagudas. O deus está adormecido, murmurou”.

“Diga-me em que divã e eu velarei por ele, respondi.”

“O deus está em um banquete, ele exclamou”.

“Se o vinho for doce, eu beberei com ele, e se o vinho for amargo, eu beberei com ele ainda assim, foi minha resposta”.

“Ele inclinou a cabeça, surpreso, e, tomando-me pela mão, levantou-me e conduziu-me até o templo”.

“Na primeira câmara vi um ídolo sentado num trono de jásper orlado com grandes pedras orientais. Era entalhado com ébano e tinha a altura de um homem. Em sua testa havia um rubi e um óleo denso gotejava de seu cabelo até as coxas. Seus pés estavam vermelhos com o sangue de um cabrito recém-sacrificado e preso em seus quadris havia um cinturão de cobre enfeitado com sete berílios”.

“Então eu disse ao sacerdote: É este o deus?, e ele me respondeu: Este é o deus”.

“Mostre-me o deus, exclamei, ou certamente eu te matarei”. “E toquei-lhe a mão, e ela definhou”

“O sacerdote implorou-me, dizendo: Possa meu senhor curar este teu servo, e eu lhe mostrarei o deus”.

“Então soprei sua mão com meu hálito e ela tornou-se sadia novamente. Ele estremeceu e levou-me a segunda câmara, e eu vi um ídolo em pé sobre uma lótus de jade de onde pendiam grandes esmeraldas. Ele era esculpido em marfim e sua estatura media o dobro da de um homem. Em sua testa havia um crisólito e seu peito estava untado com mirra e canela. Em uma das mãos segurava um cetro curvo de jade e na outra, um cristal esférico. Vestia sapatilhas de bronze e o pescoço robusto estava envolto com um círculo de selenitas”.

“Então eu disse ao sacerdote: É este o deus?, e ele me respondeu: Este é o deus”.

“Mostre-me o deus, exclamei, ou certamente eu te matarei”. “Toquei-lhe os olhos, e eles tornaram-se cegos”.

“O sacerdote implorou-me, dizendo: Possa meu senhor curar este teu servo, e eu lhe mostrarei o deus”.

“Soprei seus olhos com meu hálito e a visão tornou a eles. Ele estremeceu novamente e levou-me à terceira câmara, e, veja!, não havia nenhum ídolo lá, nenhuma imagem de qualquer tipo, apenas um espelho redondo de metal posto em um altar de pedra”.

“Então eu disse ao sacerdote: onde está o deus?”.

“Ele me respondeu: Não há nenhum deus exceto este espelho que tu vês, pois este é o Espelho da Sabedoria. Ele reflete todas as coisas que estão no Céu e na Terra, menos a face daqueles que o miram. Essa ele não reflete, então aquele que se mirar nele pode tornar-se sábio. Existem muitos outros espelhos, mas são espelhos da Opinião. Este é o único Espelho da Sabedoria. Aqueles que possuem este espelho conhecem a tudo, nem nada lhes é oculto. Aqueles que não o possuem não têm Sabedoria. Portanto este é o deus, e nós o cultuamos. Olhei dentro do espelho, e era mesmo como ele havia me dito”.

“Então fiz uma coisa estranha, mas o que fiz não importa, pois em um vale que fica a um dia de viagem deste lugar, eu escondi o Espelho da Sabedoria. Apenas permitas que eu entre em ti novamente e seja teu servo e tu serás mais sábio que todos os homens sábios, e a Sabedoria será tua. Permitas que eu entre em ti, e ninguém será tão sábio como tu”.

Mas o jovem Pescador riu. “O Amor é melhor que a Sabedoria”, ele exclamou, “e a pequena Sereia me ama”.

“Não, não há nada melhor que a Sabedoria”, disse-lhe a Alma.

“O Amor é melhor”, respondeu o jovem Pescador, mergulhando nas profundezas, e a Alma seguiu pelos pântanos, lamentando-se.

Passado o segundo ano a Alma voltou para a enseada e chamou pelo jovem Pescador, ele ergueu-se das profundezas e disse: “Por que me chamaste?”.

E a Alma respondeu: “Chegue mais perto para que eu possa falar contigo, pois tenho visto coisas maravilhosas”.

Então ele chegou mais perto, e reclinando-se sobre a água rasa, apoiou a cabeça nas mãos e escutou.

Então a Alma lhe disse: “Quando eu o deixei, voltei meu rosto para o sul e segui viagem. Do sul vem tudo o quanto é precioso. Por seis dias eu viajei ao longo das estradas que conduzem à cidade de Ashter, por estradas tingidas de poeira vermelha pelas quais os peregrinos costumam ir eu viajei, e na manhã do sétimo dia ergui meus olhos e, veja!, a cidade repousava sob meus pés, pois se situava em um vale”.

“Há nove portões naquela cidade, e em frente a cada portão ergue-se um cavalo de bronze que relincha quando os beduínos descem das montanhas. Os muros são revestidos de cobre e as torres-vigia dos muros possuem telhados de bronze. Em todas as torres postam-se arqueiros com arcos nas mãos. Ao amanhecer o arqueiro golpeia um gongo com uma flecha e ao pôr do sol ele sopra através de uma trompa de chifre”.

“Quando tentei entrar, os guardas me barraram e perguntaram quem eu era. Formulei uma resposta dizendo que eu era um daroês a caminho para a cidade de Meca, onde há um véu verde em que o Corão[2] está bordado em letras prateadas pelas mãos dos anjos. Eles ficaram completamente surpresos e suplicaram para que eu passasse”.

“Dentro era igual a um bazar. Com certeza tu deverias ter estado comigo. Sobre as ruas estreitas as alegres lanternas de papel flutuavam como imensas borboletas. Quando o vento soprava acima dos telhados, elas subiam e desciam como bolhas coloridas. Em frente às barracas sentam-se os mercadores em tapetes sedosos. Eles têm barbas longas e negras, seus turbantes são cobertos com lantejoulas douradas, longos fios de âmbar com pedras cor-de-pêssego lapidadas deslizam por entre os dedos frios. Alguns deles vendem gálibano, nardo e perfumes curiosos vindos das ilhas do mar da Índia, além do espesso óleo de rosas vermelhas, mirra e pequenos cravos-da-índia em forma de pregos. Quando alguém pára para falar com eles, atiram pitadas de olíbano sobre um braseiro de carvão, tornando doce o ar. Vi um sírio que segurava nas mãos uma vara fina como um bambu. Fios de fumaça cinza saíam daquilo, e o odor enquanto queimava exalava como flores de amêndoas na primavera.

Outros vendiam braceletes de prata inteiramente incrustados com leitosas pedras de turquesa; tornozeleiras de fios de bronze orladas com pequenas pérolas; garras de tigre engastadas em ouro; garras daquele gato dourado, o leopardo, também engastadas em ouro; brincos de esmeraldas perfuradas e anéis de jade. Das casas de chá vinham o som de violões e os fumantes de ópio, com suas faces brancas e sorridentes, observavam para os passantes”.

“Realmente, tu deverias ter estado comigo. Os vendedores de vinho abriam caminho a cotoveladas por entre a multidão, com grandes odores negros em seus ombros. A maioria deles vende vinho de shiraz, tão doce quanto mel. Eles o servem em pequenas taças de metal, espalhando folhas de rosa por cima. Na praça do mercado ficam os vendedores de frutas, que as vendem de todas as espécies: figos maduros, com sua carne roxa e ferida, melões, com aroma de almíscar e amarelos como topázios; cidra e jambo rosa; cachos de uvas; laranjas redondas vermelho-ouro e limões ovalados ouro-verdes”.

“Certa vez vi um elefante passando. Sua tromba estava pintada com vermelhão e curcuma, e sobre as orelhas, trazia uma rede de seda carmesim trançada. Ele parou em frente a uma das barracas e começou a comer as laranjas, e o homem apenas riu. Tu não podes imaginar o quão estranhas são aquelas pessoas! Quando estão contentes, vão até o vendedor de pássaros, compram-lhe um pássaro engaiolado e soltam-no para que a alegria seja ainda maior, e quando estão tristes, açoitam a si mesmos com espinhos para que sua tristeza não diminua”.

“Numa tarde encontrei alguns negros carregando um pesado palanquim [3] por entre o bazar. Era feito de bambu dourado e as varas eram de laca vermelha, enfeitadas com pavões de bronze. Sobre as janelas pendiam finas cortinas de musselina bordada com asas de besouros e semeadas com pequeninas pérolas; enquanto passava, uma pálida face circassiana olhou para fora e sorriu para mim. Segui atrás, e os negros apressaram o passo, olhando zangados. Mas não me importei. Senti uma grande curiosidade abater-se sobre mim”.

“Por fim eles pararam em uma casa branca e retangular. Não havia janelas, apenas uma pequena porta, como a porta de um sepulcro. Eles baixaram o palanquim e bateram três vezes com um martelo de cobre. Um armênio em um cafetã de couro verde espiou através da portinhola; quando ele os viu abriu a porta, estendendo um tapete no chão, e a mulher caminhou por ele. Ao entrar, ela virou-se e sorriu para mim novamente. Eu nunca tinha visto ninguém tão pálido”.

“Quando a lua se ergueu, retornei ao mesmo lugar procurei pela casa, mas já não estava mais lá. Quando vi aquilo, soube quem era a mulher e motivo dela ter sorrido para mim”.

“Certamente deverias ter estado comigo. Na festa da Lua Nova o jovem imperador saiu de dentro do palácio e foi até a mesquita rezar. Seu cabelo e sua barba estavam tingidos com pétalas de rosas e as bochechas estavam polvilhadas com pó de ouro fino. As plantas dos pés e as palmas das mãos foram coloridas, com açafrão, de amarelo-dourado”.

“Ao amanhecer ele saiu do palácio em uma túnica de prata e ao anoitecer, retornou a ele em uma túnica de ouro. As pessoas atiravam-se ao chão escondiam o rosto, contudo, eu não agi assim. Permaneci em pé ao lado da tenda de um vendedor de tâmaras e esperei. Quando o Imperador me viu, ergueu as sobrancelhas pintadas e parou. Eu me mantive completamente imóvel, e não lhe fiz nenhuma reverência. As pessoas se espantaram com minha ousadia e aconselharam-me a abandonar a cidade; não dei atenção a elas, em vez disso, fui sentar-me com os vendedores de deuses estranhos, que são odiados por causa de seu ofício. Quando disse a eles o que havia feito, cada um me ofertou um deus e rogou que eu os deixasse”.

“Naquela noite, enquanto me deitava numa almofada na casa de chá, que fica na rua das Romãs, os guardas do Imperador entraram e carregaram até o palácio. Assim que entrei, fecharam cada uma das portas atrás de mim, cruzando-as com correntes. Dentro havia um grande pátio com uma arcada que se estendia ao redor. As paredes eram de alabastro branco adornadas em um lugar e outro com azulejos azuis e verdes. As colunas eram de mármore verde e o piso era de uma espécie de mármore da cor de pessegueiros em flor. Nunca tinha visto nada como aquilo antes”.

“Enquanto passava pelo pátio, duas mulheres com véus olharam para baixo, de uma sacada, e me amaldiçoaram. Os guardas se apressaram e os cabos das lanças ressoaram no chão polido. Eles abriram um portão feito de marfim e eu me encontrei em um jardim irrigado, com sete terraços. Estava cultivado com tulipas em taça, margaridas-dos-campos aloés enfeitados de prata. Como uma vara delgada de cristal, uma fonte erguia-se no crepúsculo. As árvores de ciprestes eram como tochas apagadas. Em uma delas, catanva um rouxinol”.

“No fim do jardim erguia-se uma pequena tenda. Ao nos aproximarmos, dois eunucos saíram para nos encontrar. Seus corpos obesos balançavam ao andarem e eles olharam para mim rapidamente, curiosos, com seus olhos de pálpebras amarelas. Um deles puxou de lado o capitão da guarda e sussurrou para ele em voz baixa. O outro continuou mascando pastilhas perfumadas, tiradas de maneira afetada de uma caixa oval de esmalte lilás”.

“Depois de alguns minutos o capitão da guarda dispensou os soldados. Eles voltaram ao palácio, seguidos pelos eunucos, que caminhavam atrás lentamente, apanhando das árvores amoras doces enquanto passavam. O mais velho deles virou-se uma vez e sorriu para mim de um jeito maligno”.

“Então o capitão da guarda acenou para mim em direção à entrada da tenda. Caminhei adiante sem estremecer, e, afastando a pesada cortina para o lado, eu entrei”.

“O jovem Imperador estava estendido sobre um divã de pele pintada de leão, com um gerifalte pousado no pulso. Atrás dele erguia-se um núbio de turbante de bronze, despido até a cintura, com brincos pesados nas orelhas perfuradas. Em uma mesa ao lado do divã repousava uma potente cimitarra de aço”.

“Quando o Imperador me viu, franziu os cenhos, e disse-me: Qual é teu nome? Não sabes que sou o Imperador desta cidade? Mas eu não lhe dei resposta”.

“Ele apontou a cimitarra com o dedo, o núbio a agarrou e, avançando, golpeou-me com grande violência. A lâmina zumbiu através de mim, mas não me feriu. O homem caiu estatelado no chão e quando se ergueu, os dentes batiam com horror e ele se escondeu atrás do divã”.

“O Imperador saltou em pé, pegou uma lança da estante de armamentos a atirou-a em mim. Eu a peguei no voo e quebrei a haste em duas partes. Ele atirou em mim uma flecha mas eu ergui os braços e a parei em pleno ar. Então ele desembainhou a adaga de um cinto de couro branco e apunhalou o núbio na garganta para que o escravo não revelasse a desonra. O homem contorceu-se como uma serpente pisada e uma espuma vermelha borbulhou de seus lábios”.

“Tão logo ele morreu o Imperador voltou-se para mim e depois de limpar o suor brilhante da testa com um pequeno guardanapo de seda púrpura enfeitado, disse-me: És um profeta, para que eu não possa fazer-te mal, ou o filho de um profeta, a quem não posso ferir? Eu te rogo que deixes minha cidade esta noite pois enquanto estiveres aqui eu não serei o senhor dela por muito tempo”.

“Eu respondi a ele: Partirei pela metade de teu tesouro. Dê-me a metade de teu tesouro e irei embora”.

“Ele me tomou pela mão e conduziu-me para fora, para o jardim. Ao me ver, o capitão da guarda se espantou. Quando os eunucos me viram, seus joelhos tremeram e eles caíram no chão, amedrontados”.

“Existe uma câmara no palácio que tem oito paredes de Porfírio vermelho e um teto forrado de cobre com lâmpadas pendentes. O Imperador tocou uma das paredes e ela se abriu; então, nós atravessamos um corredor iluminado com muitas tochas. Em nichos laterais erguiam-se grandes jarras de vinho cheias até a borda com moedas de prata. Quando alcançamos o centro do corredor o Imperador falou a palavra que não pode ser dita e uma porta de granito girou para trás, sobre molas ocultas. Ele pôs as mãos à frente do rosto para que seus olhos não ficassem ofuscados”.

“Tu não podes acreditar o quão maravilhoso era aquele lugar! Havia gigantescos cascos de tartaruga repletos de pérolas e enormes selenitas lapidadas empilhadas junto a rubis vermelhos. O ouro estava armazenado em cofres de pele de elefante e o ouro em pó, em garrafas de couro. Havia opalas e safiras, as primeiras em taças de cristal e as últimas em taças de jade. Esmeraldas verdes e redondas estavam alinhadas ordenadamente sobre finas bandejas de marfim e em um dos cantos havia sacos de seda lotados, uns com pedras turquesa, outros com berílio. Presas de marfim estavam repletas de ametistas púrpura e presas de bronze, de calcadôneas e sardos. Nas colunas, feitas de cedro, estavam suspensas fileiras de pedras amarelas de lincúrios. Em escudos planos e ovais havia carbúnculos, uns cor de vinho e outros da cor da relva. E eu ainda não te contei sequer um décimo do que havia lá”.

“Quando o Imperador tirou as mãos da frente do rosto, disse-me: Esta é minha casa do tesouro, e metade do que está nela é teu, igual ao que te prometi. Eu te darei três camelos, e também os condutores de camelos; eles ficarão sob teu comando e levarão tua parte do tesouro para qualquer lugar do mundo que tu desejes ir. Isso será feito esta noite, pois não desejo que o Sol, que é meu pai, veja que existe em minha cidade um homem a quem não posso matar”.

“Mas eu lhe respondi: O ouro que está aqui é teu, e a prata também é tua, e tuas são as preciosas joias e as coisas de valor. Quanto a mim, não preciso disso. Não tomarei absolutamente nada de ti a não ser esse pequeno anel que trazes no dedo de tua mão”.

“O Imperador franziu o cenho: Isto não é nada além de um anel de chumbo, exclamou, não tem valor algum. Portanto, pegue tua metade do tesouro e saia da minha cidade”.

“Não, respondi, não levarei nada além desse anel de chumbo, pois sei o que está escrito nele, e para que propósito”.

“O Imperador estremeceu e implorando, disse-me: Pegue todo o tesouro e saia da minha cidade. A metade é minha será tua também”.

“Então, fiz uma coisa estranha, mas o que fiz não importa, pois em uma caverna a não mais que um dia de viagem daqui, eu escondi o Anel da Riqueza. Não fica além de um dia de viagem deste lugar e espera pela tua chegada. Aquele que possuir esse anel será mais rico que todos os reis do mundo. Venha, portanto, pegue-o, e as riquezas do mundo serão tuas”.

Mas o jovem Pescador riu. “O Amor é melhor que a Riqueza”, ele exclamou, “e a pequena Sereia me ama”.

“Não, não há nada melhor que a Riqueza”, disse-lhe a Alma.

“O Amor é melhor”, respondeu o jovem Pescador, mergulhando nas profundezas, e a Alma seguiu pelos pântanos, lamentando-se.

E depois de passado o terceiro ano a Alma voltou para a enseada e chamou pelo jovem Pescador, ele ergueu-se das profundezas e disse: “Por que tu me chamaste?”.

E a Alma respondeu: “Chegue mais perto para que eu possa falar contigo, pois tenho visto coisas maravilhosas”.

Então ele chegou mais perto, e reclinando-se sobre a água rasa, apoiou a cabeça nas mãos e escutou.

E a Alma lhe disse: “Em uma cidade que conheço existe uma estalagem que se ergue ao lado de um rio. Sentei-me lá com marinheiros que bebem dois vinhos de cores diferentes, comem pão de cevada e peixinhos salgados servidos com vinagre em folhas de louro. E enquanto estávamos sentados nos divertindo, entrou um homem velho carregando um tapete de couro e um alaúde que tinha dois chifres de âmbar. Depois de estender o tapete no chão, ele tangeu com uma pena as cordas de arame de seu alaúde; uma jovem com a face coberta por um véu correu para dentro e começou a dançar na nossa frente. Sua face estava coberta por um véu de gaze, mas seus pés estavam despidos. Despidos estavam seus pés, e moviam-se sobre o tapete como pombinhas brancas. Nunca tinha visto antes nada tão magnífico!, e a cidade em que ela dança não fica além de um dia de viagem deste lugar”.

Dessa vez quando o jovem Pescador ouviu as palavras de sua Alma, lembrou-se de que a pequena Sereia não tinha pés e não podia dançar. Um grande desejo o invadiu e ele disse a si mesmo: “Não fica além de um dia de viagem, e eu poderei retornar ao meu amor”, ele riu e ergueu-se na água rasa, caminhando a passos largos em direção à costa.

Quando alcançou a areia seca, riu novamente, e estendeu os braços para sua Alma. A Alma soltou um grande grito de contentamento e correu ao seu encontro, fundindo-se a ele, e o jovem Pescador viu estender-se à sua frente, na areia, aquela sombra do corpo que é o corpo da Alma.

A Alma disse a ele: “Não vamos nos demorar, vamos primeiro sair daqui, pois os Deuses do Mar são ciumentos e têm monstros a seu comando”.

Então eles se apressaram; durante toda a noite viajaram sob a lua, e por todo o dia seguinte viajaram sob o sol e naquela noite chegaram a uma cidade.

O jovem Pescador disse à sua Alma: “É nesta cidade que dança aquela de quem me falaste?”.

A Alma lhe respondeu: “Não é nesta a cidade, é em outra. Ainda assim vamos entrar”. Eles entraram, caminharam pelas ruas, e quando passavam pela rua dos Joalheiros, o jovem Pescador viu uma bela taça de prata exposta em frente a uma barraca. Sua Alma lhe disse: “Pegue essa taça de prata e esconda-a”.

Ele pegou a taça e escondeu na dobra de sua túnica, saindo da cidade rapidamente.

Depois de terem se afastado uma légua da cidade, o jovem Pescador franziu o cenho, atirando longe a taça, e disse à sua Alma: “Por que tu me disseste para pegar essa taça e escondê-la, pois isso foi uma coisa má de se fazer?”.

Mas a Alma respondeu: “Fique tranquilo, fique tranquilo”.

No entardecer do segundo dia eles chegaram a uma cidade, e o jovem Pescador disse à sua Alma: “É nesta cidade que dança aquela de quem me falaste?”.

A Alma lhe respondeu: “Não é nesta a cidade, é em outra. Ainda assim vamos entrar”. Eles entraram, caminharam pelas ruas, e quando passavam pela rua dos Vendedores de Sandálias, o jovem Pescador viu uma criança em pé ao lado de uma jarra de água. E a Alma lhe disse: “Bata nessa criança”. Ele bateu na criança até que ela chorasse e depois de tê-lo feito, saíram rapidamente da cidade.

Depois de terem se afastado uma légua da cidade, o jovem Pescador ficou furioso e disse à Alma: “Por que tu me disseste para bater na criança, pois isso foi uma coisa má de se fazer?”.

Mas a Alma respondeu: “Fique tranquilo, fique tranquilo”.

No entardecer do terceiro dia eles chegaram a uma cidade, e o jovem Pescador disse à sua Alma: “É nesta cidade que dança aquela de quem me falaste?”.

E a Alma respondeu: “Pode ser que seja nesta cidade, por isso vamos entrar”. Eles entraram, caminharam pelas ruas, mas em algum pôde o jovem Pescador encontrar o rio ou a estalagem que se erguia ao lado. As pessoas da cidade olhavam para ele curiosamente; ele sentiu medo e disse à sua Alma: “Vamo-nos deste lugar, pois aquela que dança com pés alvos não está aqui”.

Mas a Alma respondeu: “Não, vamos nos demorar mais um pouco, pois a noite está escura e poderá haver ladrões no

caminho”.

Assim ele sentou-se na praça do mercado e descansou; depois de algum tempo passou um mercador encapuzado, com um manto de tecido tártaro, exibindo uma lanterna de chifre perfurado fixada na ponta de uma vara nodosa. O mercador disse a ele: “Por que tu te sentas na praça do mercado, sabendo que as barracas estão fechadas e os fardos, amarrados?”.

O jovem Pescador respondeu: “Não encontro nenhuma estalagem nesta cidade, e também não tenho nenhum parente que possa me dar abrigo”.

“Não somos todos parentes?”, disse o mercador, “E não foi um Deus que nos fez a todos? Assim sendo, vem comigo, pois tenho um quarto de hóspedes”.

O jovem Pescador ergueu-se e seguiu o mercador até a casa deste. Depois de atravessar um jardim de romãs e de ter entrado na casa, o mercador trouxe-lhe água de rosas em um prato de cobre, para que pudesse lavar as mãos; melões maduros, para que pudesse saciar a sede; e pôs à sua frente uma tigela de arroz e um pedaço de carne de cabrito assado.

Depois de ter terminado, o mercador o levou para o quarto de hóspedes, desejando-lhe que dormisse e descansasse. O jovem Pescador agradeceu, beijando-lhe o anel que trazia na mão, e mergulhou nos tapetes de pelo de cabra pintado. Depois de ter-se coberto com lã negra de carneiro, sentiu-se sonolento.

Três horas antes do amanhecer, quando ainda era noite, sua Alma o acordou, dizendo: “Levanta-te e vai até o quarto do mercador, o mesmo quarto em que ele adormece, mata-o e toma-lhe o ouro, pois nós precisamos dele”.

O jovem Pescador levantou-se e engatinhou em direção ao quarto do mercador; por sobre os pés do mercador repousava uma espada curva e na bandeja ao lado do mercador havia nove bolsas de ouro. Ele estendeu a mão, tocando a espada, e quando ele a tocou o mercador sobressaltou-se e acordou; saltando, agarrou ele mesmo a espada e clamou ao jovem Pescador: “Tu retribuí o bem com o mal, e paga com derramamento de sangue a bondade que demonstrei para contigo?”

E a Alma disse ao jovem Pescador: “Golpeia-o”, e ele bateu tanto que o mercador desmaiou. Então, agarrou as nove bolsas de ouro e fugiu rapidamente pelo jardim de romãs, voltando a face para a estrela, que é a estrela da manhã.

Depois de terem se afastado uma légua da cidade, o jovem Pescador bateu no peito e disse à Alma: “Por que tu me mandaste assassinar o mercador e tomar-lhe o ouro? Com certeza tu és perversa”.

Mas a Alma respondeu: “Fique tranquilo, fique tranquilo”.

“Não”, gritou o jovem Pescador, “não posso ficar tranquilo, pois tudo o que me obrigaste a fazer eu odeio. Odeio a ti também, e ordeno que me digas por que fizeste isso comigo”.

A Alma respondeu: “Quando me mandaste embora para o mundo, tu não me deste um coração, então aprendi a fazer todas essas coisas, e a amá-las”.

“Que dizes?”, murmurou o jovem Pescador.

“Tu o sabes”, respondeu a Alma, “tu o sabes muito bem. Esqueceste que não me deste um coração? Eu não acredito. Não importune nem a ti e nem a mim, fique tranquilo, pois não há nenhuma dor que não possa ser afastada e nenhum prazer que não possas obter”.

Quando o jovem Pescador ouviu essas palavras, estremeceu e disse à sua Alma: “Não, tu és perversa e fizeste com que me esquecesse de meu amor, e tentaste-me com tentações, e puseste meus pés no caminho do pecado”.

A Alma respondeu: “Tu não esqueceste de que quando me mandaste embora para o mundo não me deste um coração. Venha, vamo-nos para outra cidade, e nos alegremos, pois temos nove bolsas de ouro”.

Porém o jovem Pescador tomou as nove bolsas de ouro, atirou-as ao chão e as pisoteou.

“Não”, gritou, “não tenho nada para fazer contigo, nem irei viajar contigo a parte alguma, pelo contrário, vou até mesmo mandar-te embora antes; assim, te mandarei para longe agora, pois tu não me fizeste bem”. Ele virou-se de costas para a lua, e com a pequena faca com cabo de pele de serpente verde, esforçou-se para cortar de seus pés aquela sombra do corpo, que era o corpo da Alma.

Ainda assim a Alma não se apartou dele, nem deu atenção às suas ordens, e disse-lhe: “O encantamento que a Feiticeira contou-lhe não tem mais utilidade para ti, pois não posso deixar-te, nem tu podes conduzir-me para fora. Uma vez na vida pode um homem mandar embora sua Alma, mas aquele que a receber de volta deverá mantê-la consigo para sempre, e essa é a punição e sua retribuição”.

O jovem Pescador empalideceu, cerrou os punhos e lamentou-se: “Ela foi uma falsa Feiticeira por não ter me dito isso”.

“Não”, respondeu a Alma, “ela foi sincera Àquele a quem cultua e de quem será serva eternamente”.

Quando o jovem Pescador soube que não poderia mais se libertar de sua Alma, e que aquela era uma Alma perversa que sempre o dominaria, caiu no chão chorando amargamente.

Ao amanhecer o jovem Pescador levantou-se e disse à Alma: “Amarrarei minhas mãos para que não possa obedecer às tuas ordens; selarei meus lábios para que não possa dizer tuas palavras e retornarei ao lugar em que aquela a quem amo faz sua morada. Até o mar eu retornarei, e à pequena baía em que ela costuma cantar; chamarei por ela e lhe direi o mal que fiz e o mal que tu me fizestes”.

A Alma tentou-o, dizendo: “Quem é teu amor, que não podes retornar a ele? O mundo possui muitas moças mais belas que ela. Há a bailarina de Samaris, que dança igual a todos os pássaros e animais. Seus pés são pintados com *henna* e nas mãos ela traz sininhos de cobre. Eles riem enquanto ela dança, e seu riso é tão límpido quanto o riso da água. Venha comigo e eu a mostrarei a ti. Por que te preocupas com coisas pecaminosas? Acaso o que dá prazer ao paladar não foi feito para aquele que deseja comer? Há veneno naquilo que é doce de se beber? Não te aflijas, venhas comigo à outra cidade. Existe uma cidadezinha aqui perto em que há um jardim de tulipas. E nesse agradável jardim moram pavões brancos e pavões de peito azul. As caudas, quando eles as abrem no sol, são como discos de marfim e discos dourados. E aquela que os alimenta, dança para que se deliciem; às vezes ela dança com as mãos e outras vezes, com os pés. Seus olhos são pintados com antimônio e suas narinas têm a forma de asas de andorinhas. De um gancho em uma de suas narinas, pende uma flor esculpida numa pérola. Ela ri ao dançar e os anéis prateados ao redor dos tornozelos tilintam como sinos de prata. Não te atormente mais, venha comigo a essa cidade”.

Porém o jovem Pescador não respondeu à Alma; selou os lábios com o lacre do silêncio e com uma corda apertada, atou as mãos, e viajou de volta ao lugar de onde tinha vindo, até a pequena baía em que seu amor costumava cantar. Durante o caminho, a Alma o tentou constantemente, mas ele não deu resposta, nem fez nenhuma das maldades que ela procurou forçá-lo a cometer, tão grande era a força do amor que havia nele.

E ao alcançar a costa marítima, desatou as cordas das mãos, tirou dos lábios o lacre do silêncio e chamou pela pequena Sereia. Mas ela não veio ao seu chamado, ainda que ele tivesse chamado por ela durante todo o dia, implorando.

A Alma zombou dele, dizendo: “Com certeza tu não tens senão uma pequena alegria com teu amor. Tu és como aquele que na hora da morte derrama água em um vaso quebrado. Deste o que tinhas, nada te foi dado em retribuição. Será melhor para ti se vieres comigo, pois sei onde fica o Vale dos Prazeres, e que coisas são feitas lá”.

Mas o jovem Pescador não respondeu à Alma, e em no nicho de uma pedra, construiu para si uma cabana de juncos, e morou lá pelo prazo de um ano. Todas as manhãs ele chamava pela Sereia; ao meio-dia, chamava por ela novamente; e à noite pronunciava o nome dela. Mesmo assim, ela nunca se ergueu do mar para encontrá-lo, e em nenhuma parte do oceano ele pôde encontrá-la, embora tivesse buscado por ela nas cavernas e nas águas verdes; nas piscinas da maré e nos poços que existem no fundo do mar.

Sempre a Alma o tentava com perversidades, sussurrando-lhe coisas terríveis. Mesmo assim, não conseguiu triunfar contra ele, tão grande era o poder de seu amor.

Depois de passado o primeiro ano, a Alma disse a si mesma: “Tenho tentado meu mestre com perversidades, mas e o amor dele é mais forte do que eu. Agora o tentarei com o bem, e pode ser que ele venha comigo”.

Assim, ela falou com o jovem Pescador, dizendo: “Tenho lhe falado sobre as alegrias do mundo, e tens te feito de surdo. Permita-me falar-te sobre as dores do mundo, e pode ser que tu me dês atenção. Em verdade, a dor é a Senhora deste mundo, e não há ninguém que possa escapar de suas redes. Existem os que carecem de vestimentas, e os que carecem de pão. Existem viúvas que se sentam sobre púrpura, e as que se sentam sobre farrapos. Por toda parte leprosos caminham sobre os pântanos, e são cruéis uns com os outros. Mendigos vão e vêm pelas estradas, e suas bolsas estão vazias. Pelas ruas das cidades caminha a Fome, e a Peste senta-se nos portões. Venha, vamos adiante melhorar essas coisas, e fazer com que não ocorram. Pois não deverias te demorar aqui chamando por teu amor, visto que ela não atende a eu chamado. E o que é o amor, para que lhe dês tanta importância?”.

Mas o jovem Pescador não respondeu à Alma, tão grande era o poder de seu amor. Todas as manhãs ele chamava pela Sereia; ao meio-dia, chamava por ela novamente; e à noite pronunciava o nome dela. Mesmo assim, ela nunca se ergueu do mar para encontrá-lo, e em nenhuma parte do oceano ele pôde encontrá-la, ainda que tivesse procurado por ela nos rios do mar, nos vales que ficam sob as ondas, no mar que noite torna púrpura e no mar que o amanhecer deixa cinza.

Depois de passado o segundo ano, a Alma disse ao jovem Pescador numa noite, enquanto ele estava sentado sozinho na cabana de juncos: “Veja, até agora eu tentei a ti com o mal, e tentei a ti com o bem, mas teu amor é mais forte do que eu. Por isso não te tentarei mais, porém, permita que entre em teu coração, assim poderei me unir a ti e sermos um, como éramos antes”.

“Seguramente tu podes entrar”, disse o jovem Pescador, “pois nos tempos em que vagavas pelo mundo sem coração, deves ter sofrido muito”.

“Ai de mim!”, lamentou a Alma, “não consigo encontrar nenhum lugar por onde possa entrar, tão cercado de amor encontra-se teu coração”.

“Mesmo assim gostaria de poder ajudar-te”, disse o jovem Pescador.

E quando disse aquilo, veio do oceano um grande lamento de pesar, igual ao choro que os homens escutam quando morre alguém do povo do Mar. O jovem Pescador deu um salto, deixando a cabana de juncos, e desceu correndo para a enseada. Ondas negras vinham apressadas para a praia, trazendo consigo um fardo que era mais branco do que prateado. Branco como a rebentação ele era, e balançava como uma flor sobre as ondas. A rebentação tomou-o das ondas, a espuma tomou-o da rebentação e a areia o recebeu, e jazendo a seus pés, o jovem Pescador viu o corpo da pequena Sereia. Morta a seus pés ela jazia.

Chorando como alguém ferido pela dor, atirou-se ao lado dela, beijando os lábios vermelhos e frios, brincando com os úmidos cabelos de âmbar. Ele atirou-se ao lado dela na areia, chorando como alguém trêmulo de prazer, e nos braços bronzeados ele a envolveu contra o peito. Frios estavam os lábios, ainda assim eles os beijou. Salgado era o mel dos cabelos, ainda assim ele o provou com amarga alegria. Beijou as pálpebras fechadas, úmidas não tanto pela água salgada quanto pelas lágrimas que ele derramava em profusão.

E ao corpo morto ele fez sua confissão. Dentro das orelhas em concha, verteu o vinho amargo de sua história. Pôs as pequeninas mãos ao redor de seu próprio pescoço, e com seus dedos tocou a haste delicada do pescoço dela. Amarga, amarga era sua alegria, e plena de estranho prazer era sua dor.

O mar negro aproximou-se, e a espuma clara gemia como os leprosos. Com brancas garras de espuma o mar agarrava-se à areia. Do palácio do rei do Mar veio novamente um lamento de pesar, e longe, acima do oceano, os grandes Tritões sopravam asperamente suas trompas.

“Fuja”, disse a Alma, “mais e mais o mar se aproxima, e se te demoras, ele te matará. Fuja, pois tenho medo, vendo que teu coração está fechado para mim por causa da grandeza de teu amor. Fuja para um lugar seguro. Certamente não me enviarias para outro mundo sem um coração!”.

Mas o jovem Pescador não escutou sua Alma, apenas chamou pela pequena Sereia, dizendo: “O Amor é melhor que a sabedoria, mais precioso que as riquezas e mais belo que os pés das filhas dos homens. O fogo não pode destruí-lo, nem as águas podem extingui-lo. Eu te chamei ao amanhecer, e tu não vieste ao meu chamado. A lua escutou teu nome, mesmo assim tu não me deste atenção. Por maldade eu a deixei, e para meu próprio dano caminhei para longe. Mesmo assim, teu amor sempre esteve comigo, e sempre foi poderoso; de qualquer forma, nada prevaleceu sobre ele, apesar de eu ter visto o mal e de ter visto o bem”.

A Alma implorou que partissem, mas ele não o fez, tão grande era seu amor. Mais perto veio o mar, procurando cobri-lo com as ondas, e quando soube que o fim havia chegado, beijou furiosamente os lábios frios da Sereia, e o coração que estava dentro dele partiu-se. E quando, por causa da plenitude de seu amor, o coração partira, a Alma pôde encontrar uma brecha e entrar, unindo-se a ele como um só, igual ao que era antes. Então o mar cobriu o jovem Pescador com as ondas.

Pela manhã o padre saiu para benzer o mar, pois esse estivera agitado. E com ele foram monges e músicos, os que portam os círios, os aspersores de incenso, além de uma grande comitiva.

Quando o padre alcançou a praia, viu o jovem Pescador jazendo, afogado, na rebentação, trazendo apertado nos braços o corpo da pequena Sereia. O padre afastou-se com cara feia, e fazendo o sinal da cruz, clamou em voz alta, dizendo: “Não abençoarei o mar nem nada que há nele. Maldito seja o povo do Mar e malditos todos aqueles que se envolvem com eles. E quanto a esse que por causa de seu amor renunciou a Deus e por isso jaz aqui com sua amante, morto pela justiça de Deus, levem-lhe o corpo e o corpo de sua amante, e enterrem em uma curva do Campo dos Pisoeiros. Não deixem nenhuma marca em cima deles, nenhum sinal de nenhum tipo, para que ninguém saiba o local em que descansam. Pois amaldiçoados eles foram em vida, e amaldiçoados deverão ser na morte também”.

As pessoas fizeram da forma como ele havia mandado, e em uma curva do Campo dos Pisoeiros, em que nenhuma erva aprazível crescia, cavaram uma cova profunda, e deitaram nelas os corpos mortos.

Ao final do terceiro ano, em um dia considerado sagrado, o Padre foi até a capela, pois deveria mostrar às pessoas as chagas do Senhor, e falar a elas a respeito da ira de Deus.

Depois de ter-se vestido com os paramentos, entrado e se inclinado diante do altar, viu que este estava coberto por estranhas flores que nunca tinham sido vistas antes. Eram estranhas de se ver, e de rara beleza; a beleza delas perturbou-o e o

perfume era doce para seu olfato. Ele sentiu-se feliz, mas não compreendeu o porquê daquela felicidade.

Depois de ter aberto o tabernáculo e incensado o ostensório que estava dentro dele, mostrou a bela hóstia para as pessoas, escondendo-a novamente sob o véu dos véus; então, começou a falar para as pessoas, desejando alertá-las sobre a ira de Deus. No entanto, a beleza das flores brancas o perturbava, e o perfume era doce para seu olfato; outras palavras vieram a seus lábios, e ele não falou sobre a ira de Deus, mas sobre o Deus cujo nome é Amor. E porque falava sobre aquilo, ele não sabia.

Ao fim do sermão as pessoas choravam; o Padre retornou à sacristia, e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Os diáconos vieram e começaram a despi-lo, tirando-lhe a alva e o cingulo, o manípulo e a estola. Ele permaneceu em pé, como se estivesse em um sonho.

Depois que o despiram, ele olhou para os diáconos e disse: “Que flores são aquelas que estão no altar, de onde vieram?”.

Eles responderam: “Que flores são aquelas nós não sabemos dizer, mas vieram da curva do Campo dos Pisoeiros”. O Padre estremeceu, retornou para sua própria casa e rezou.

Pela manhã, quando ainda era madrugada, ele saiu com monges e músicos, com os que portam os círios, com os aspersores de incenso, além de uma grande comitiva; foram até a encosta do mar, e ele abençoou o oceano e todas as coisas que existem nele. Os Faunos ele também abençoou, e também às pequeninas criaturas que dançam na floresta, e às criaturas de olhos brilhantes que espiam por entre as folhas. Todas as coisas no mundo de deus ele abençoou, e as pessoas encheram-se de alegria e espanto. Porém nunca mais, na curva do Campo dos Pisoeiros, cresceram flores de qualquer tipo, e o chão permaneceu estéril como era antes. Nem o povo do Mar voltou a frequentar a baía como costumavam fazer, pois eles foram para outra parte do oceano.

FIM

Para Srta. Margot Tennant – Srta. Asquith

Uma vez, dois pobres Lenhadores estavam caminhando para casa através de uma grande floresta de pinheiros. Era inverno, e uma noite de frio cortante. A neve estendia-se espessa sobre o solo e sobre os galhos das árvores; a geada fazia os raminhos estalarem por todos os lados, enquanto eles passavam; e ao chegarem à Corrente da Montanha, ela estava suspensa no ar, imóvel, pois o Rei do Gelo a havia beijado.

Fazia tanto frio que mesmo os animais e os pássaros que atitude tomar.

“Ugh!”, rosou o Lobo, enquanto mancava pelos arbustos com o rabo entre as pernas, “este tempo está perfeitamente monstruoso. Por que o governo não olha para isso?”.

“Weet, weet, weet!”, gorjearam os Pintarroxos verdes, “a velha Terra está morta e eles a deitaram sobre uma mortalha branca”.

“A Terra vai se casar, e esse é seu vestido nupcial”, sussurraram as Rolinhas entre si. Seus pezinhos rosados estavam completamente enregelados, mas acharam que era dever delas extrair uma visão romântica da situação.

“Desatino”, rosou o Lobo. “Eu disse a vocês que é tudo culpa do governo, e se não me acreditarem comerei vocês”. O Lobo tinha um pensamento absolutamente prático e nunca lhe faltava um com argumento.

“Bem, de minha parte”, disse o Pica-pau, um filósofo nato, “não dou a mínima para uma teoria atômica de explicações. Se uma coisa é assim, assim é, e no presente momento está terrivelmente frio”.

Terrivelmente frio com certeza estava. Os pequenos Esquilos, que vivem dentro da árvore de abeto, ficavam um esfregando o nariz no nariz do outro para manterem-se aquecidos; os Coelhos enrolavam-se em suas tocas, e não arriscavam sequer olhar para fora da porta. As únicas que pareciam aproveitar eram as grandes Corujas de chifres. Suas penas estavam completamente duras com a geada, mas elas não se importavam, e girando os enormes olhos amarelos, chamavam umas às outras através da floresta: “Tu-whit! Tu-whoot! Tu-whit! Tu-whoot! Que tempo delicioso está fazendo!”

Os Lenhadores continuaram avançando, soprando vigorosamente sobre os dedos, pisando os torrões de areia com as enormes botas com ferro nas solas. Por uma vez eles mergulharam numa violenta nevada, e emergiram tão brancos como ficam os moedores de trigo quando as pedras estão moendo. E por uma vez deslizaram sobre o gelo duro e liso onde a água do pântano havia congelado; os feixes caíram dos fardos e eles tiveram que recolhê-los e amarrá-los juntos novamente. Doutra feita, pensaram haver perdido o caminho e grande terror apoderou-se deles, pois sabiam que a Neve é cruel com aqueles que dormem em seus braços. Mas eles confiaram no bom São Martim, que zela por todos os viajantes, e reorientaram seus passos, e seguiram cautelosamente; por fim alcançaram a entrada da floresta, e viram ao longe, no vale abaixo deles, as luzes do vilarejo em que moravam.

Ficaram tão exultantes por terem-se livrado que riram alto, e a terra pareceu-lhes como uma flor de prata, e a lua, como uma flor de ouro.

Porém, depois de rirem eles ficaram tristes, pois se lembraram de sua pobreza, e um disse ao outro: “Por que nos alegamos, sabendo que isso é para os ricos e não para aqueles como nós? Seria melhor se tivéssemos morrido de frio na floresta, ou que alguma fera selvagem tivesse caído sobre nós e nos matado”.

“Verdade”, respondeu o companheiro, “muito é dado a alguns, e pouco é dado a outros. A injustiça parcelou mundo e não existe divisão absolutamente igual, exceto a da tristeza”.

Mas enquanto eles lamentavam a miséria um com o outro aconteceu uma coisa estranha. Do céu caiu uma estrela muito brilhante e bonita. Ela deslizou do céu, oblíqua, passando pelas outras estrelas em seu curso e enquanto eles olhavam admirados, pareceu-lhes que ela mergulhava atrás de um grupo de salgueiros que se erguiam junto a um pequeno aprisco, a não mais que um arremesso de distância.

“Ora! Existe um pote de ouro para quem quer que o encontre”, eles exclamaram, e puseram-se a correr, tão ansiosos estavam pelo ouro.

E um deles correu mais rápido que o companheiro, deixando-o para trás; ele forçou passagem através dos salgueiros, saindo pelo outro lado, e, veja! Existia mesmo uma coisa dourada repousando na neve. Então ele acelerou em direção àquilo, inclinou-se e tocou-o: era um manto de tecido de ouro, feito cuidadosamente feito com estrelas e coberto por muitas pregas. Ele gritou para o companheiro dizendo haver encontrado o tesouro caído do céu, e quando o companheiro chegou, sentaram-se

na neve e soltaram as pregas do manto para poderem repartir as peças de ouro. Mas, veja!, não havia ouro algum, nem prata, na verdade, não havia nenhum tipo de tesouro, apenas uma criancinha adormecida.

Um disse ao outro: “este é um fim amargo para nossas esperanças, não temos nem um pouco de sorte, pois de que serve uma criança a um homem? Vamos deixá-la aqui e seguir nosso caminho, visto que somos homens pobres e temos nossas próprias crianças, de quem não devemos tirar o pão para dar a outra”.

Mas o companheiro respondeu: “Não, é perverso deixar a criança para perecer aqui na neve, mesmo eu sendo tão pobre quanto tu e ter bocas para alimentar, apesar de haver muito pouco na panela, ainda assim a levarei comigo para casa, e minha esposa cuidará dela”.

Assim, pegou a criança afetosamente, envolveu o manto ao redor para protegê-la do frio cortante, e tomou o caminho colina abaixo, para o vilarejo; o companheiro estava muito admirado com a tolice e a docilidade de seu coração.

E quando chegaram ao vilarejo, o companheiro disse-lhe: “Tu tens a criança, portanto dê-me o manto, pois nós o encontramos e devemos dividi-lo”.

Mas ele respondeu: “Não, porque o manto não é meu nem teu, é da criança apenas”; desejou-lhe boa sorte, foi para a casa e bateu.

Quando sua esposa abriu a porta e viu que o marido havia retornado a salvo, pôs os braços ao redor do pescoço dele e beijou-o; tirou das costas dele o fardo de feixes, escovou a neve das botas e mandou que entrasse.

Mas ele disse a ela: “Encontrei algo na floresta e trouxe-lhe para que tu cuides dele”, e não se moveu do limiar da porta.

“O que é?”, ela exclamou, “Mostre-me, pois a casa está vazia e nós temos necessidade de muitas coisas”. Ele puxou o manto e mostrou-lhe a criança adormecida.

“Por Deus, bom homem!”, ela murmurou, “não temos nossos próprios filhos para que tu necessites trazer-nos uma criança trocada[1] para sentar-se junto à lareira? E quem sabe se ela não nos trará má sorte? E como iremos sustentá-la?” Estava furiosa com ele.

“Não, esta é uma o Filho da Estrela”, ele respondeu, e contou-lhe a estranha maneira como a encontraram.

Mas ela não ficou satisfeita, zombou dele, e disse, com raiva: “Nossos filhos carecem de pão e devemos alimentar a criança de outro? Quem cuidará de nós? Quem nos dará comida?”.

“Não, Deus cuida até dos pardais, e os alimenta”, ele respondeu.

“Os pardais, não morrem de fome no inverno?”, perguntou. “E não é inverno agora?”.

O homem não respondeu nada, e não se moveu do limiar da porta.

Um vento cortante entrou pela porta vindo da floresta e fez a mulher estremecer, com um calafrio, disse a ele: “Não vais fechar a porta? Está entrando um vento cortante na casa, e eu estou com frio”.

“Em uma casa em que o coração está empedernido não entra sempre um vento cortante?”, perguntou. A mulher não respondeu, apenas arrastou-se para perto do fogo.

Depois de um tempo ela se voltou e olhou-o com os olhos repletos de lágrimas. Ele entrou rapidamente e colocou a criança nos braços dela, ela a beijou e deitou-a na caminha em que seu filho mais novo dormia. Pela manhã o lenhador pegou o curioso manto de ouro e guardou-o em uma arca grande; a corrente de âmbar que estava ao redor do pescoço da criança, a esposa tirou e pôs na arca também.

Assim o Filho da Estrela cresceu junto com os filhos do Lenhador, sentou-se à mesma mesa com eles e foi seu companheiro de brincadeiras. A cada ano ele se tornava mais belo de se ver, e todos os que viviam no vilarejo encheram-se de espanto, pois, enquanto eram todos morenos de cabelos negros, ele era branco e delicado como uma placa de mármore e seus cachos eram como anéis de narciso. Os lábios eram como pétalas de flores vermelhas; os olhos, como violetas em um rio de água pura e seu corpo era como o narciso em um campo em que nenhum capineiro havia entrado.

Contudo, a beleza fez dele perverso. Ele cresceu orgulhoso, cruel e egoísta. Aos filhos do Lenhador, e às outras crianças do vilarejo, ele menosprezava, dizendo serem de ascendência inferior enquanto ele era nobre, enviado das Estrelas, e fez-se líder deles, a quem chamava de servos. Não tinha nenhuma piedade dos pobres, ou dos cegos, mutilados ou aflitos de alguma forma, ao contrário, atirava-lhes pedras e os punha para fora, na estrada, mandando que esmolassem o pão em outra parte, de modo que apenas os proscritos voltavam ao vilarejo para mendigar. Na verdade, ele era apaixonado pela beleza, e zombava dos fracos e dos feios, ridicularizando-os; a si mesmo ele amava, e no verão, quando os ventos sossegavam, deitava-se ao lado da nascente no pomar do clérigo e admirava sua maravilhosa face, rindo com o prazer que lhe dava a própria

formosura.

Com frequência o Lenhador e a esposa o repreendiam-no, dizendo: “Nós não o tratamos como tu tratas as pessoas que foram abandonadas e não têm ninguém para socorrê-las. Por que és tão cruel com aqueles que necessitam de piedade?”.

Com frequência o velho padre mandava buscá-lo e procurava ensinar o amor pelos seres vivos, dizendo-lhe: “As moscas são tuas irmãs. Não lhes cause dano. Os pássaros silvestres que passeiam pela floresta têm a própria liberdade. Não os aprisione para teu prazer. Deus fez a cobra-de-vidro e a toupeira, e cada um tem seu lugar. Quem és para trazeres dor ao mundo de Deus? Até o gado dos campos louvam a Ele”.

Mas o Filho da Estrela não prestava atenção às palavras dele, apenas fazia uma carranca e zombava, voltando para os companheiros, a quem liderava. Os companheiros o seguiam, pois ele era belo, tinha pés rápidos, sabia dançar, tocar flauta e compor músicas. E para onde quer que o Filho da Estrela os guiasse, eles seguiam, e o que quer que o Filho da Estrela ordenasse que fizessem, eles faziam. Quando ele perfurou com uma vara pontiaguda os olhos escuros da toupeira, eles riram, e quando atirou pedras no leproso, riram também. Em todas as coisas ele os comandava, e ficaram com o coração empedernido, como o dele.

E eis que um dia passou pelo vilarejo uma pobre mendiga. Seus trajes estavam puídos e esfarrapados, os pés sangravam devido à estrada dura pela qual ela viajara e ele encontrava-se em péssimas condições. Fatigada, sentou-se sob um castanheiro para descansar.

Porém o Filho da Estrela a viu, e disse aos companheiros: “Vejam! Lá está aquela mendiga imunda sentada sob a árvore bela e viçosa. Venham, vamos tirá-la daqui, pois é feia e repulsiva”.

Então eles se aproximaram e atiraram-lhe pedras, zombando; ela o mirou aterrorizada, mas manteve os olhos fixos nele. Quando o Lenhador, que estava rachando lenha em uma clareira próxima, viu o que o Filho da Estrela estava fazendo, correu e repreendeu-o, dizendo-lhe: “Certamente tu és duro de coração e não conhece misericórdia, pois que mal esta pobre mulher fez a ti para que a trates dessa maneira?”.

O Filho da Estrela ficou vermelha de raiva, bateu o pé no chão e disse: “Quem és para que questiones o que faço? Não sou teu filho para obedecer às tuas ordens!”.

“Falas a verdade”, respondeu o Lenhador, “ainda assim demonstrei misericórdia ao encontrá-lo na floresta”.

Quando a mulher ouviu essas palavras deu um grito alto e caiu no chão, desmaiada. O Lenhador a carregou até sua casa, e a esposa cuidou dela; ao recobrar-se do desmaio que a havia acometido, eles puseram comida e bebida diante dela, oferecendo-lhe conforto.

Contudo ela não comeu nem bebeu, apenas falou ao Lenhador: “Tu dissestes que aquela criança tinha sido encontrada na floresta? Isso não foi há dez atrás?”.

O Lenhador respondeu: “Sim, foi na floresta que eu a encontrei, e isso foi há dez atrás”.

“E quais sinais tu encontras-te com ela?”, clamou. “Não trazia ela uma corrente de âmbar no pescoço? Não estava ela envolta em um manto de tecido de ouro bordado com estrelas?”.

“Verdade”, respondeu o Lenhador, “aconteceu exatamente como tu dizes”. E ele retirou o manto e a corrente de âmbar da arca em que repousavam e mostrou-os a ela.

Ao vê-los, ela chorou de contentamento, e disse: “Ele é meu filhinho, que perdi na floresta. Rogo-te que mandes buscá-lo imediatamente, pois à sua procura tenho vagado pelo mundo todo”.

Então o Lenhador e sua esposa saíram, chamaram pelo Filho da Estrela e disseram-lhe: “Entre na casa e lá encontrarás tua mãe, que espera por ti”.

Ele correu para dentro, cheio de espanto e alegria. Mas quando viu quem esperava lá, riu com desprezo, dizendo: “Cadê? Onde está minha mãe? Pois não vejo ninguém aqui além desta vil mendiga”.

A mulher respondeu: “Eu sou tua mãe”.

“Estás louca por dizeres isso”, gritou com raiva o Filho da Estrela. “Não sou teu filho, pois és uma mendiga, feia e esfarrapada. Portanto saia daqui e não me deixes nunca mais ver tua face imunda”.

“Não, tu és de verdade meu filhinho, que perdi na floresta”, exclamou caindo de joelhos, e envolveu-o com os braços. “Ladrões roubaram-te de mim e depois te abandonaram para que morresses”, murmurou, “mas eu te reconheci assim que vi, e também aos sinais eu reconheci, o manto tecido de ouro e a corrente de âmbar. Portanto rogo-te que me acompanhes, pois pelo mundo inteiro tenho procurado por ti. Venha comigo, meu filho, porque preciso do teu amor”.

Porém o Filho da Estrela não se moveu do lugar, mas bateu a porta de seu coração contra ela; não se escutava nenhum

som exceto o de uma mulher chorando de dor.

Por fim ele falou com ela, e sua voz era dura e amarga: “Se em verdade sincera és minha mãe”, disse, “seria melhor que tivesses te mantido longe, e não vir aqui para trazer-me vergonha, visto que eu pensava ser filho de alguma Estrela e não o filho de uma mendiga, como dizes que sou. Por isso saias daqui, e não permitas que eu a veja novamente”.

“Ai de mim, meu filho!”, lamentou-se, “não vais me beijar antes que eu parta? Pois sofri muito para encontrar-te”.

“Não”, disse o Filho da Estrela, “pois és muito repulsiva de se ver, e eu preferia beijar uma serpente ou um sapo em vez de ti”.

Assim, a mulher ergueu-se e enveredou pela floresta, chorando amargamente; quando o Filho da Estrela viu que ela já tinha ido, alegrou-se, e correu de volta para seus companheiros para brincar com eles.

Mas quando eles o viram chegando, zombaram dele dizendo: “Quê? Tu és horrendo como o sapo e repugnante como a serpente. Vá embora daqui, pois não vamos permitir que brinques conosco”, e o puseram para fora do jardim.

O Filho da Estrela franziu o cenho e disse a si mesma: “O que eles estão dizendo? Irei até a nascente d’água e ela dirá sobre minha beleza”.

Então ele foi até a nascente-d’água, olhou dentro dela e, vejam!, sua face era igual a de um sapo e seu corpo tinha escamas como o de uma serpente. Ele afundou-se na relva chorando, e disse a si mesmo: “Certamente isso recaiu sobre mim por causa de meu pecado. Pois reneguei minha mãe e mandei-a embora, fui soberbo e cruel com ela. Por isso, irei procurá-la por todo o mundo, não descansarei enquanto não a encontrar”.

A filhinha do Lenhador veio até ele, pôs as mãos sobre os ombros dele e disse: “Por que te perturbas por teres perdido tua formosura? Fique conosco e nós não zombaremos de você”.

E ele disse a ela: “Não, fui cruel com minha mãe e como punição aconteceu-me essa desgraça. Portanto devo ir-me daqui e vagar pelo mundo até encontrá-la e ela me der seu perdão”.

Então ele correu para a floresta e gritou para que sua mãe viesse até ele, mas não obteve resposta. Durante o dia todo chamou por ela e, quando o sol se pôs, deitou-se em uma cama de folhas para dormir; os pássaros e os animais fugiam dele, por lembrarem-se das crueldades, e ele ficou sozinho, exceto pela presença de um sapo que o observava e de uma vagarosa serpente que rastejava mais além.

Pela manhã ele se levantou, apanhou das árvores algumas bagas amargas e as comeu, tomando seu caminho através da grande floresta, chorando compulsivamente. A todos o que encontra, perguntava se por acaso não haviam visto a mãe dele.

Disse à Toupeira: “Tu podes ir para debaixo da terra. Diga-me, viste minha mãe por lá?”.

E a Toupeira respondeu: “Tu cegaste meus olhos. Como poderia saber?”.

Disse ao Pintarroxo: “Tu podes voar sobre o topo das árvores altas e avistar o mundo todo. Diga-me, viste minha mãe?”.

E o Pintarroxo respondeu: “Tu cortaste minhas asas por diversão. Como poderia voar?”.

E para o pequeno Esquilo que vive na árvore de abeto, e estava solitário, ele disse: “Onde está minha mãe?”.

E o Pintarroxo respondeu: “Tu mataste minha mãe. Procuras a tua para matá-la também?”.

O Filho da Estrela chorou e curvou a cabeça, rezando para que o Deus de todas as coisas o perdoasse, e foi indo pela floresta, procurando pela mendiga. No terceiro dia ele chegou ao outro lado da floresta e desceu pela planície.

Ao passar pelos vilarejos, as crianças zombavam dele e atiravam-lhe pedras; os aldeões não permitiam sequer que ele dormisse no estábulo para que não doenças para o milho armazenado, de tão horrendo que era olhar para ele; empregados puseram-no para fora, e não havia ninguém que se compadecesse dele. Em nenhum lugar pôde ouvir notícias sobre a mendiga que era sua mãe, apesar de ter vagado ao longo de três anos pelo mundo; com frequência tinha a impressão de vê-la na estrada à sua frente, e chamava por ela, correndo atrás até que os pedregulhos afiados fizessem os pés sangrarem. Mas não conseguia alcançá-la, e aquele que moravam à beira da estrada negavam terem-na visto, ou a alguém parecido com ela, e escarneciam de seu sofrimento.

Ao longo de três anos ele vagou pelo mundo, e no mundo não havia nenhum amor, nenhuma bondade e nem caridade para com ele, porém, foi um mundo semelhante a esse que ele fizera para si mesmo nos dias de sua grande soberba.

Numa noite ele chegou aos portões de uma cidade fortemente murada que ficava ao lado de um rio, e, fatigado e com os pés feridos como estavam, tentou entrar nela. No entanto os soldados que estavam de guarda puseram as alabardas cruzadas em frente à entrada, e disseram asperamente: “O que queres nesta cidade?”.

“Procuro por minha mãe”, respondeu, “e rogo para que permitas que passe, pois pode ser que ela esteja nessa cidade”.

Mas zombaram dele; um dos guardas, sacudindo a barba negra, baixou o escudo e gritou: “Em verdade, tua mãe não ficará feliz quando te ver, pois és mais horroroso que o sapo do brejo ou que a serpente que rasteja no pântano. Vai-te daqui. Tua mãe não mora nesta cidade”.

E o outro, que segurava uma bandeira amarela nas mãos, disse a ele: “Quem é tua mãe e por que a estás procurando?”.

Ele respondeu: “Minha mãe é uma mendiga igual a mim, e eu a tratei perversamente; rogo-te que me permitas passar por que, se acaso ela estiver se demorando nesta cidade, preciso que ela me dê seu perdão”. Mas eles não permitiram, e cutucaram-no com suas lanças.

Enquanto ele retornava chorando, alguém com armadura incrustada de flores de ouro e cujo elmo ostentava um leão alado, chegou e perguntou aos soldados quem era aquele que procurava entrar. E eles lhe disseram: “É um mendigo filho de uma mendiga, e nós o mandamos embora”.

“Não”, exclamou, rindo, “vamos vender essa coisa horrorosa como escravo, e seu preço deverá ser o mesmo que o de uma garrafa de vinho doce”.

Um velho de aparência perversa que estava passando por ali disse alto: “Eu o comprarei por esse preço”, e, depois de pago o valor, tomou o Filho da Estrela pelas mãos e a levou para dentro da cidade.

Depois de terem passado por várias ruas, chegaram até uma portinha que estava num muro coberto por árvores de romã. O velho tocou a porta com um anel de jaspe lapidado e ela abriu; eles desceram cinco degraus de bronze junto a um jardim repleto de papoulas negras e vasos verdes de barro queimado. O velho tirou do turbante um lenço de seda desenhado e vendou os olhos do Filho da Estrela, conduzindo-a adiante. Quando o lenço foi retirado de seus olhos, o Filho da Estrela encontrou-se em uma masmorra iluminada por uma lanterna de chifre.

O velho pôs à sua frente um pedaço de pão embolorado em uma tábua, dizendo: “Coma”, e um pouco de água salobra em um copo, dizendo: “Beba”; depois do menino ter comido e bebido, o velho saiu, trancando a porta atrás de si e cruzando-a com uma corrente de ferro.

No dia seguinte o velho, que era de fato o mais astuto dos feiticeiros da Líbia e tinha aprendido sua arte com uma pessoa que morava nas tumbas do Nilo, foi até ele e disse, com uma carranca: “Em uma floresta próxima à cidade dos gíaiurs^[2] existem três moedas de ouro. Uma é de ouro branco; a segunda é de ouro amarelo e a terceira é de ouro vermelho. Hoje tu deves me trazer a moeda de ouro branco, e se tu não a trouxeres, darei em ti cem chicotadas. Vai-te rapidamente, e ao pôr do sol esperarei por ti na porta do jardim. Cuides para que tragas o ouro branco, ou sofrerás dano, pois tu és meu escravo e eu o comprei pelo preço de uma garrafa de vinho doce”. O velho vendou os olhos do Filho da Estrela com o lenço de seda desenhado, conduziu-o pela casa, através do jardim de papoulas e subiu os cinco degraus de bronze. E tendo aberto a pequena porta com o anel, pôs o menino na rua.

O Filho da Estrela saiu pelo portão da cidade e foi até a floresta da qual Feiticeiro havia falado.

Ora, aquela floresta era muito bonita de se ver por fora, parecendo repleta de pássaros cantantes e flores docemente perfumadas, e o Filho da Estrela entrou alegremente. Contudo, a beleza trazia pouco benefício, pois por onde quer que ele fosse, espinhos e ásperas roseiras-bravas saltavam do solo e o cercavam; urtigas ruins o picavam e os cardos espinhosos furavam-no como facas, causando-lhe doloroso sofrimento. Em parte alguma ele pôde encontrar a moeda de ouro branco da qual o Feiticeiro havia falado, ainda que tivesse procurado por ela do amanhecer até a noite, e da noite até o nascer do sol. Ao alvorecer ele voltou o rosto em direção de casa, chorando amargamente, pois sabia o destino reservado a ele.

Mas ao alcançar os arredores da floresta, escutou vir de uma moita um grito de dor. Esquecendo sua própria tristeza, correu de volta àquele lugar e viu uma pequena Lebre presa em uma armadilha deixava ali por algum caçador.

O Filho da Estrela sentiu pena e a libertou, dizendo-lhe: “Eu mesmo não passo de um escravo, mas ainda assim eu te dou a liberdade”.

E a Lebre respondeu, dizendo: “Certamente tu me deste a liberdade, e o que devo dar-te em retribuição?”.

O Filho da Estrela disse a ela: “Estou procurando por uma moeda de ouro branco, mas não a encontro em parte alguma, e se eu não a levar para meu mestre, ele me baterá”.

“Venha comigo”, disse a Lebre, “e eu o guiarei até ela, pois sei onde está escondida e com que propósito”.

Então o Filho da Estrela foi com a lebre, e veja!, na fenda de um carvalho ele viu a moeda de ouro que estava procurando. Ficou repleto de contentamento, agarrou-a e disse à Lebre: “O serviço que lhe prestei tu me retornastes várias vezes, e a bondade que demonstrei para contigo tu me devolvestes cem vezes em dobro”.

“Não”, respondeu a Lebre, “da maneira que tu me trataste eu o tratei”, correndo para longe agilmente; e o Filho da Estrela partiu em direção à cidade.

Ora, no portão da cidade estava sentado um leproso. Sobre a face pendia um capuz de linho cinza, e pela abertura seus olhos cintilavam como carvão em brasa. Quando ele viu o Filho da Estrela vindo, golpeou uma tigela de madeira, retiniu um sino e chamou alto por ele, dizendo: “Dê-me uma moeda de dinheiro, ou morrerei de fome. Eles me expulsaram da cidade e não há ninguém que se compadeça de mim”.

“Ai de mim!”, lamentou-se o Filho da Estrela, “tenho apenas uma moeda de dinheiro em minha bolsa, e se eu não a levar a meu mestre e me baterá, pois sou seu escravo”.

Mas o leproso implorou, suplicou, até que o Filho da Estrela se compadecesse e desse a ele a moeda de ouro.

Ao chegar na casa do Feiticeiro, este abriu a porta, trouxe-o para dentro e disse: “Tens a moeda de ouro branco?”. E o Filho da Estrela respondeu: “Não a tenho”. Então o Feiticeiro pulou sobre ele e o espancou; à sua frente, pôs uma tábua vazia e disse: “Coma”, e um copo vazio, dizendo: “Beba”, e o arremessou de volta à masmorra.

Na manhã seguinte o Feiticeiro veio até ele e disse: “Se hoje não trouxeres a moeda de ouro amarelo, eu certamente te manterei como meu escravo e te darei trezentas chicotadas”.

Assim, o Filho da Estrela foi à floresta e durante todo o dia procurou pela moeda de ouro amarelo, mas não a encontrou em parte alguma. Ao pôr do sol ele sentou-se e começou a chorar, e enquanto chorava a pequena Lebre veio até ele, a mesma que ele havia resgatado da armadilha.

Disse-lhe a Lebre: “Por que estás chorando? E o que procuras na floresta?”.

O Filho da Estrela respondeu: “Procuro por uma moeda de ouro amarelo que está escondida por aqui, e se eu não a encontrar, meu mestre me baterá, e me manterá como seu escravo”.

“Siga-me”, exclamou a Lebre, e correu pela floresta até chegar a uma lagoa. No fundo da lagoa a moeda de ouro amarelo repousava.

“Como posso agradecê-la?”, disse o Filho da Estrela, “pois, veja!, essa é a segunda vez que você me socorre!”.

“Não, foste tu que te apiedaste de mim primeiro”, disse a Lebre, e correu para longe agilmente.

O Filho da Estrela pegou a moeda de ouro amarelo, pôs em sua bolsa e correu para a cidade. Mas o leproso o viu chegando, correu ao seu encontro, ajoelhou-se no chão e lamentou: “Dê-me uma moeda de ouro ou morrerei de fome”.

O Filho da Estrela disse-lhe: “Tenho em minha bolsa apenas uma moeda de ouro amarelo e se não a levar ao meu mestre ele me baterá e me manterá como seu escravo”.

Mas o leproso implorou dolorosamente, e então o Filho da Estrela compadeceu-se e deu-lhe a moeda de ouro amarelo.

Ao chegar na casa do Feiticeiro, este abriu a porta, trouxe-o para dentro e disse: “Tens a moeda de ouro amarelo?”. E o Filho da Estrela respondeu: “Não a tenho”. Então o Feiticeiro pulou sobre ele e o espancou; acorrentou-o e o arremessou de volta à masmorra.

Na manhã seguinte o Feiticeiro veio até ele e disse: “Se hoje tu me trouxeres a moeda de ouro vermelho eu o libertarei, mas se não me trouxeres, com certeza eu o matarei”.

Assim, o Filho da Estrela foi à floresta e durante todo o dia procurou pela moeda de ouro amarelo, mas não a encontrou em parte alguma. Ao pôr do sol ele sentou-se e começou a chorar, e enquanto chorava a pequena Lebre veio até ele.

E a Lebre lhe disse: “A moeda de ouro vermelho que tu procuras está na caverna atrás de ti. Por isso não chores mais e alegre-te”.

“Como poderei recompensá-la?”, exclamou o Filho da Estrela. “Pois, veja! essa é a terceira vez que me socorres!”.

“Não, foste tu que te apiedaste de mim primeiro”, disse a Lebre, e correu para longe agilmente.

O Filho da Estrela entrou na caverna e no canto mais afastado encontrou a moeda de ouro vermelho. Então a colocou em sua bolsa e correu para a cidade. Ao ver que ele estava vindo, o leproso ficou em pé no meio da estrada, chamando alto, dizendo: “Dê-me uma moeda de ouro vermelho ou morrerei de fome”, e o Filho da Estrela compadeceu-se dele novamente, e deu-lhe a moeda de ouro vermelho, dizendo: “Tua necessidade é maior que a minha”. Ainda assim seu coração estava pesado, pois sabia o vil destino que o esperava.

Mas, veja!, assim que passou pelos dos portões da cidade, os guardas se inclinaram e fizeram reverência a ele, dizendo: “Como nosso senhor é belo!”; uma multidão de pessoas o seguiu, clamando alto: “Certamente não existe ninguém tão belo em todo o mundo!”, então o Filho da Estrela chorou e disse a si mesma: “Estão zombando de mim, fazendo pouco da

minha desgraça”. E tão grande era a multidão de pessoas que ele perdeu a direção do caminho e por fim encontrou-se numa grande praça onde estava o palácio do Rei.

O portão do palácio se abriu e sacerdotes e altos oficiais da cidade correram à frente para encontrá-lo; eles inclinaram-se diante dele, dizendo: “Tu és o senhor pelo qual temos esperado, o filho de nosso Rei”.

O Filho da Estrela respondeu-lhes dizendo: “Não sou o filho do rei, sou filho de uma pobre mendiga. E como podes dizer que sou belo se eu sei que sou horrível de se ver?”.

Então aquele, que tem a armadura incrustada de flores de ouro e em cujo elmo ostentava um leão alado, ergueu o escudo e clamou: “Como pode meu senhor dizer que não é belo?”.

O Filho da Estrela olhou e, veja!, sua face esta igual ao que costumava ser, sua formosura havia-lhe retornado e ele viu em seus olhos algo que não tinha visto antes.

Os sacerdotes e altos oficiais ajoelharam-se e disseram: “Há muito tempo estava profetizado que neste dia viria aquele que nos governaria. Por isso, permita nosso senhor tomar esta coroa e este cetro e ser nosso Rei, na sua justiça e misericórdia”.

Mas ele disse-lhes: “Não sou digno, pois reneguei minha mãe, que me encontrou, e não devo descansar até que a encontre e receba seu perdão. Por isso deixem-me ir, pois devo vagar novamente pelo mundo, e não posso me demorar aqui, embora me ofereçais a coroa e o cetro”. Enquanto falava, virou a face em direção à rua que conduzia ao portão da cidade e, veja!, no meio da multidão que comprimia os soldados ele viu a mendiga que era sua mãe, e ao lado dela estava o leproso, que tinha se sentado na estrada.

Um grito de alegrou irrompeu de seus lábios e ele correu para eles; ajoelhando-se, beijou as feridas dos pés de sua mãe e as molhou com suas lágrimas. Ele curvou a cabeça na poeira, soluçando, como alguém cujo coração partisse, e disse: “Mãe, eu a reneguei na hora de minha soberba. Aceita-me na hora de minha humildade. Mãe, eu te dei ódio. Tu me deste amor. Mãe, eu te rejeitei. Aceita agora teu filho”. Mas a mendiga não respondeu uma palavra.

Estendeu as mãos e abraçou os pés brancos do leproso, dizendo: “Três vezes te dei minha misericórdia. Pede à minha mãe que fale comigo ao menos uma vez”. Mas o leproso não respondeu uma palavra.

Soluçou novamente e disse: “Mãe, meu sofrimento é maior do que posso suportar. Dê-me teu perdão e deixe-me voltar para a floresta”. A mendiga pôs a mão na cabeça dele, dizendo: “Levante”, e o leproso também pôs a mão na cabeça dele, dizendo: “Levante”.

Ele pôs-se em pé, olhou para eles e, veja!, eram o Rei e a Rainha!

E a Rainha disse a ele: “Este é teu pai, a quem socorreste”.

E o Rei disse: “Esta é tua mãe, cujos pés tu lavaste com lágrimas”. Eles envolveram-lhe o pescoço e o beijaram, trouxeram-no ao palácio e o vestiram com belos trajes, puseram a coroa sobre sua cabeça e o cetro em sua mão; e sobre a cidade que ficava ao lado de um rio ele governou, e foi seu senhor. Muita justiça e misericórdia ele demonstrou para com todos, e baniu o Feiticeiro maligno; ao Lenhador e sua esposa ele enviou ricos presentes, e aos filhos deles concedeu altas honrarias. Não permitiu a ninguém ser cruel com os animais ou com os bichos, ao contrário, ensinou o amor, a bondade e a caridade; aos pobres ele deu pão, e aos que estavam despidos eles deu vestimentas, e havia paz e abundância no país.

Porém ele não governou por muito tempo; tão grande tinha sido seu sofrimento, e tão amargo o fogo de suas provações, que depois de passados três anos ele morreu. E aquele que o sucedeu governou com crueldade.

FIM